



Célio da Silveira Calixto Filho

**O memorial
Continuação da obra redentora de Jesus Cristo**

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Teologia da PUC-Rio como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Teologia.

Orientador: Prof. Luiz Fernando Ribeiro Santana

Rio de Janeiro
Agosto de 2013



Célio da Silveira Calixto Filho

**O memorial: continuação
da obra redentora de Jesus Cristo**

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-graduação em Teologia da PUC-Rio
como requisito parcial para obtenção do
título de Mestre em Teologia.

Prof. Luiz Fernando Ribeiro Santana

Orientador

Departamento de Teologia – PUC-Rio

Profa. Jenura Clotilde Boff

Departamento de Teologia – PUC-Rio

Mons. Gilson José Macedo da Silveira

Vicariato Suburbano

Profa. Denise Perruezo Portinari

Coordenadora Setorial do Programa de Pós-Graduação em
Teologia do Departamento de Teologia da PUC-Rio

Rio de Janeiro, 28 de agosto de 2013

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem a autorização da universidade, do autor e do orientador.

Célio da Silveira Calixto Filho

Graduou-se em Engenharia Mecânica pela UFRJ em 1996. Cursou Filosofia e Teologia no Seminário São José (RJ) entre 1996 e 2001. Ordenado sacerdote em 2002, é pároco da Paróquia Santos Anjos e professor do Instituto Superior de Ciências Religiosas da Arquidiocese do Rio de Janeiro.

Ficha Catalográfica

Calixto Filho, Célio da Silveira

O memorial: continuação da obra redentora de Jesus Cristo / Célio da Silveira Calixto Filho ; orientador: Luiz Fernando Ribeiro Santana. – 2013.
76 f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 2013.

Inclui bibliografia

1. Teologia – Teses. 2. Culto. 3. Liturgia. 4. Memorial. 5. Aliança. 6. Páscoa. 7. Redenção. 8. Salvação. 9. Domingo. 10. Assembleia. I. Santana, Luiz Fernando Ribeiro. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Teologia. III. Título.

CDD:200

Agradecimentos

Ao meu orientador Professor Luiz Fernando Ribeiro Santana pelo estímulo e parceria para a realização deste trabalho.

Ao CNPq e à PUC-Rio, pelos auxílios concedidos, sem os quais este trabalho não poderia ter sido realizado.

Aos meus pais e irmãos, pela educação, atenção e carinho de todas as horas.

Aos professores que participaram da Comissão examinadora.

A todos os professores e funcionários do Departamento pelos ensinamentos e pela ajuda.

A todos do Seminário Arquidiocesano de São José e da Paróquia Santos Anjos pela paciência e compreensão nas minhas ausências.

Aos amigos de perto e de longe que me estimularam e ajudaram.

Resumo

Calixto Filho, Célio da Silveira; Santana, Luiz Fernando Ribeiro. **O memorial: continuação da obra redentora de Jesus Cristo**. Rio de Janeiro, 2013. 76p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Dentre os elementos da liturgia cristã, o memorial é de grande importância, uma vez que atualiza os feitos divinos ao longo da história da salvação, trazendo para hoje sua força redentora, e abrindo aos participantes do culto uma perspectiva de futuro. O memorial está ligado estreitamente à Aliança de Deus com Abraão e sua descendência, que atinge seu ponto alto em Jesus Cristo. O passo seguinte se verifica nas realidades sacramentais, nos quais a comunidade dos fiéis experimenta a salvação. Percorrendo, portanto, as etapas da economia salvífica, pode-se perceber o memorial como continuação da obra redentora de Cristo, redentor único e universal.

Palavras-chave

Culto; liturgia; memorial; Aliança; páscoa; redenção; salvação; domingo; assembleia.

Abstract

Calixto Filho, Célio da Silveira; Santana, Luiz Fernando Ribeiro (Advisor).
The memorial: continuation of the redemptive work of Jesus Christ.
Rio de Janeiro, 2013. 76p. MSc. Dissertation – Departamento de Teologia,
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Among the elements of Christian liturgy, the memorial has main importance, since it actualizes the divine actions through the history of salvation, bringing today its redeeming force, and opens a perspective of future to the participants of the cult. The memorial is deeply linked to God's alliance with Abraham and his descendants, which reaches its most important step with Jesus Christ. The next point is verified in the sacramental realities, in which the faithful community experiences salvation. Going through economy of salvation, it is possible to notice the memorial as continuing the redemption of Christ, the only universal redeemer.

Keywords

Cult; liturgy; memorial; alliance; Passover; redemption; salvation; Sunday; assembly.

Sumário

1. Introdução	8
2. O culto memorial no Antigo Testamento	10
2.1 O memorial	10
2.2 A Aliança	15
2.3 A ceia pascal como memorial da Aliança	18
3. O memorial eucarístico de Jesus	25
3.1 A ceia como sacrifício de louvor e ação de graças	25
3.2 As palavras da instituição	29
3.3 A oração eucarística	35
4. A liturgia da Igreja: memorial da páscoa de Cristo	43
4.1 O domingo: memória semanal do Ressuscitado	43
4.2 A palavra de Deus: memória atualizadora do mistério pascal	55
4.3 O memorial na assembleia e na vida dos fiéis	60
5. Conclusão	67
6. Referências bibliográficas	69

1

Introdução

A comemoração do jubileu áureo do Concílio Ecumênico Vaticano II deu ensejo a aprofundados estudos dos documentos conciliares, bem como de seus antecedentes, entre eles os movimentos bíblico, patrístico e litúrgico. Nota-se nos autores desse período o candente desejo de voltar às fontes da escritura, da teologia dos pais e mães da fé e do culto judeu-cristão com o intuito de responder a questões do mundo moderno, que interpela a comunidade dos fiéis espalhada pelo orbe, em busca de um sentido para a existência. Tal sentido não foi encontrado na técnica ou no consumismo, mas algumas luzes para seu advento podem ser obtidas no fecundo trabalho dos padres conciliares de cinquenta anos atrás.

O primeiro fruto do Concílio foi a Constituição *Sacrosanctum Concilium* sobre a sagrada liturgia, que afirma logo em seu início (n.2), ser o culto cristão o meio pelo qual os fiéis exercem a obra da redenção, expressando na própria existência e manifestando ao mundo o mistério de Jesus de Nazaré e a genuína natureza da verdadeira Igreja. Encontra-se implícito aqui o conceito de economia salvífica, isto é, do plano divino que se revela na vida humana. Na história do mundo evidencia-se a eleição, por parte de Deus, de toda a humanidade, no desejo de realizar uma Aliança com os homens e mulheres, tendo Cristo como mediador, de modo que a salvação atinja todas as pessoas, de todo tempo e lugar.

A criação é o ato inaugural da história da salvação, que se desdobra na caminhada da descendência abraâmica até o Novo Testamento, que não é outro, mas a realização do Antigo. Da humanidade de Jesus, o ungido de Deus, a salvação começa a jorrar abundantemente, sendo comunicada, na Igreja, pelos sacramentos. Estes são como que canais de irrupção da graça de Deus no tempo cósmico, fecundando-o, de modo que cada pessoa é chamada a comprometer-se, no tempo de sua vida, com o evento salvífico.

Por uma benevolente disposição divina a salvação, operada por Deus mediante um evento único e irrepetível, será perpetuada num memorial. O acontecimento histórico, no seu conteúdo de salvação, torna-se presente *in mysterio* para todas as gerações durante a festa comemorativa. O passado é atualizado na narração litúrgica, de forma que os participantes da celebração

sejam introduzidos na *virtus operis* daquele evento. A assembleia cúlrica experimenta, então, a redenção operada por Deus, até que a promessa da plena libertação anunciada nas festas seja finalmente cumprida.

A presente pesquisa tem por objetivo percorrer, estimulada pela Constituição Litúrgica Conciliar (SC 5-7), as etapas da economia salvífica, perscrutando o papel do memorial nesse itinerário.

O primeiro capítulo tem por escopo a definição de memorial e sua presença na vida do povo da primeira Aliança. O pacto firmado com os patriarcas, renovado por sucessivas gerações, tem sua ressonância nos elementos da ceia judaica, memorial da salvação de YHWH em favor da descendência de Abraão.

No segundo capítulo, o enfoque recai sobre o Novo Testamento, buscando aproximar-se da mentalidade de então, no tocante ao sentido que Jesus quis dar à ceia com seus discípulos. As narrativas da instituição da eucaristia, presentes nos evangelhos sinóticos e em Paulo, são o ponto de partida para se chegar ao desdobramento das palavras de Cristo. O memorial eucarístico das gerações subsequentes, observando o mandato do Senhor, desenvolveu uma eucologia que influenciou na gênese das orações usadas no culto eclesial.

O terceiro capítulo aborda a liturgia pós-conciliar, em elementos importantes da celebração memorial hodierna: o domingo, a proclamação da palavra de Deus e a vida dos membros da assembleia cristã.

Sem a pretensão de esgotar o tema, são apresentados alguns caminhos para um posterior desenvolvimento dessa teologia, face aos questionamentos que se apresentam no atual contexto da experiência religiosa.

2

O culto memorial no Antigo Testamento

2.1

O Memorial

Acontecimentos e fatos marcam os encontros pessoais, unindo e separando vidas, criando e edificando relações de amor e amizade, mas também de ódio e desavença. Pode ser que algumas feridas, provocadas ao longo dos relacionamentos, tenham sido “costuradas” e pareçam já fechadas, mas podem eventualmente reabrir-se. Ou então foram “esquecidas”, mas estão apenas esperando o momento propício para se manifestar, como sementes guardadas pela terra, que brotam no momento em que as condições favoráveis se apresentam. Esses sinais do passado são como cicatrizes que evocam, trazem pela memória, de um passado recente ou distante para o presente, situações que fazem reviver subjetivamente as sensações de outrora, que são parte da história de cada um, ajudando a viver o “hoje” e a construir o futuro¹.

Fenômeno semelhante acontece no relacionamento do Deus bíblico com a descendência de Abraão: por obra de sua graça, YHWH elege um povo para dar início a uma história de diálogo, encontros e desencontros. A Aliança é o marco fundamental, o ponto de partida da história da salvação, que será sempre retomado por Deus, a despeito das infidelidades de seus interlocutores. Ele mesmo tomará a iniciativa de recordar ao povo escolhido, de forma objetiva e intensa no momento do culto, qual é a sua vocação e como ele é chamado a se relacionar com a divindade e com o seu semelhante, próximo ou distante. A diferença entre a lembrança meramente psicológica e a memória divina é que esta é sempre benevolente, isto é, Deus não devolve a ofensa recebida e nem guarda mágoa querendo vingança, mas deseja viver a comunhão com seu povo, criando condições para que ele cresça sempre mais em intimidade com seu Deus².

No idioma hebraico, a raiz *zkr* expressa o conteúdo do memorial, importante conceito da revelação judaico-cristã. Derivado dessa raiz, o termo *zikkaron* indica

¹ Um bom exemplo é o que acontece no encontro de Jacó-Israel, em sua luta com um personagem misterioso (cf. Gn 32,24-32). Ele foi ferido na articulação da coxa, motivo pelo qual mancava, e assim foi pelo resto de sua vida. As marcas daquele confronto noturno vão permanecer com ele para sempre, recordando a quem ele deve servir.

² Deve-se ter em mente as diversas etapas do desenvolvimento da Aliança entre Deus e a humanidade, desde a Criação, passando pelos Patriarcas, até chegar à Aliança com Moisés e o povo no deserto, motivo pelo qual Israel foi libertado da escravidão.

recordação (cf. Ex 12,14; 13,9; Js 4,6s), enquanto *azkara* pode ser traduzido como invocação ou aclamação de louvor (cf. Sl 71,16; Is 12,4-6). Os dois vocábulos se ligam a acontecimentos, lugares ou circunstâncias do passado, atualizados no culto sacrificial, e que são como que sinais sacramentais da Aliança de Deus com os fiéis³. A ideia é a de que existe uma relação de reciprocidade entre YHWH e cada membro da assembleia: Deus sempre se recorda de suas promessas, dando o auxílio de sua salvação, enquanto o povo se deixa afetar, renovando sua confiança a cada festa celebrada.

Deus se lembra, portanto, no ato cúlrico do memorial, do estabelecimento de um pacto, ao qual permanece fiel, convidando o povo a fazer o mesmo. Desse modo, a recordação, por parte de Deus e do ser humano, dos eventos passados, convida a renovar a relação de Aliança outrora firmada. Esse gesto profético exige resposta e Israel não pode ficar indiferente, mas deve responder no culto, de onde tira sua força vital, e sobretudo no seu existir histórico e no de seus descendentes através de todas as gerações:

Toda mútua lembrança implica acontecimentos passados em que houve relação de um com o outro; e tem como efeito, ao relebrar tais acontecimentos, a renovação desta relação. A recordação bíblica se refere a encontros havidos no passado e nos quais se estabeleceu a Aliança. Só a fiel recordação do passado pode assegurar a boa orientação do futuro⁴.

A iniciativa divina é sempre permeada de ternura e misericórdia, o que se expressa no perdão, por uma lembrança amorosa atualizada em cada reunião celebrativa, na qual YHWH tem uma verdadeira “amnésia” do pecado. Na verdade, a páscoa do êxodo, que é sinônimo de salvação e libertação da escravidão no Egito, será sempre o acontecimento fundante. Os eventos pascais constituíram o povo de Deus, que pôde então perceber que, se seu Deus era mais forte que os deuses dos outros povos a ponto de salvá-lo, então teria sido ele também o responsável pela criação do mundo a partir do nada.

A páscoa, passagem dos filhos de Israel da casa da escravidão para a terra prometida, à qual se retorna no culto, por seu conteúdo salvífico e sua virtude libertadora tem a primazia sobre todos os demais dias festivos, uma vez que ela

³ SCHOTTROFF, W. “Recordar”, in JENNI, E., WESTERMANN, C. (orgs.). *Diccionario teologico manual del Antiguo Testamento*. Madrid: Cristiandad, 1978, pp. 710-725.

⁴ CORBON, J. “Memória”, in LÉON-DUFOUR, X. (Org.). *Vocabulário de teologia bíblica*. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 571.

estabeleceu a salvação de uma vez por todas e garante a amizade de Deus pelo seu povo para sempre. O que interessa a YHWH, Deus de entranhada misericórdia, é promover a vida humana, por meio de uma memória viva: a celebração anual da páscoa-salvação, fazendo lembrar sua presença no meio dos seus, é garantia contínua de sua permanência na terra da promessa, ao mesmo tempo em que move os corações fiéis, fazendo germinar, no hoje, o futuro.

Originalmente, a páscoa era a festa da primavera, ligada às primeiras espigas de cevada e à oferta dos pães ázimos. Depois da libertação do Egito, tornou-se a recordação da passagem da escravidão no Egito para a liberdade. Essa passagem constitui o evento central da história de Israel, recordado de ano em ano como o grande gesto de libertação realizado por YHWH em favor de seu povo. Para o hebreu, celebrar a páscoa significa comemorar o êxodo, com as “maravilhas” que o acompanharam, e renovar a cada volta da história a sua fé no poder salvador do Senhor. Os profetas se basearão nessa profunda convicção para anunciar nova páscoa messiânica, ainda maior e mais duradoura do que a anterior.

Diferente de lembranças de fatos passados, conservadas na mente de cada pessoa, a memória cultural é um ato vivo que transcende o indivíduo, fazendo o povo ou grupo humano literalmente renascer⁵. O passado é recuperado, gerando o presente como dom gratuito de Deus. A revelação de Deus na história é, de certa maneira, a garantia do futuro, uma vez que, por causa de sua atuação pretérita é que se tem a certeza de sua continuada presença ao lado de sua gente. Os hebreus têm fé justamente porque têm história, isto é, conservam memórias de fatos históricos que são salvíficos e que podem ser narrados às gerações posteriores.

As funções rememorativa, atualizadora e profética do memorial só são possíveis porque encontros libertadores entre Deus e seu povo aconteceram no passado, e estes constituem a base que fundamenta a ação ritual hodierna⁶. Irrepetíveis, as intervenções de Deus revelam seu mistério quando são proclamadas na palavra cultica, fazendo com que Ele se lembre, junto com o seu povo, de um passado repleto de fatos salvíficos que se tornam eficazmente presentes em seus frutos.

⁵ AUGÉ, M. *Liturgia: história, celebração, teologia, espiritualidade*. São Paulo: Ave-Maria, 2007, p. 17.

⁶ KUNRATH, P. A. “A eucaristia, memorial jubilar”, in HACKMANN, G. L. (org.). *A Trindade: glória e júbilo da criação*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000, p. 66.

Diversas realidades podem servir como agentes do memorial. Pode ser um gesto ritual, um dia festivo e até mesmo um objeto como uma pedra ou qualquer outra coisa que seja um marco da ação divina, fazendo com que Deus “se lembre” de seu povo e de seu próprio atuar, e ajudando o povo a se voltar para Deus. O memorial é como uma semente dentro da terra, ignorada talvez, mas presente, pronta a frutificar, quando se apresentarem as condições adequadas. Será então um jorrar de vida, uma dinâmica que explode numa multiplicidade de frutos e bênçãos copiosas⁷.

O homem não deve jamais perder a capacidade de se surpreender, uma vez que as obras divinas trazem essa força dentro de si, como uma gestação, preparada e acalentada para, finalmente, fazer aparecer a novidade. Deus não se deixa prender ou reduzir aos esquemas humanos, mas está continuamente intervindo na história, de formas inimagináveis. Sempre que Israel se esqueceu disso, precisou se converter de novo à perene novidade de YHWH, que é vitorioso nas aparentes derrotas e forte nas aparentes fraquezas. Como que por uma espécie de “fissura” no tempo, Deus abre uma brecha na história para fazer irromper sua salvação, suprimindo as distâncias espaço-temporais nas ocasiões mais improváveis, para que sua bondade seja de novo experimentada. É uma ação totalmente livre e surpreendente do Deus salvador, que “quebra” o compasso ordinário dos acontecimentos, introduzindo um ritmo mais festivo e revigorante na existência de todo o cosmo⁸.

O culto judaico-cristão está impregnado por uma dinâmica pascal, uma passagem do não-ser para o ser, que comporta ainda o vir-a-ser do drama salvífico, cerzido de reminiscências atualizantes e proféticas. A comemoração litúrgica apresenta as passagens de Deus na existência humana pela ação ritual, através de sinais e símbolos da natureza e da história, re-significados pelo homem, cujo escopo é fazê-lo entrar em comunhão com seu Deus⁹.

A debilidade do homem e do cosmo contrasta com a perenidade divina, e é através desta que a criação se renova: para Deus tudo é presente, novo e atual,

⁷ LÓPEZ MARTÍN, J. *A Liturgia da Igreja: teologia, história, espiritualidade e pastoral*. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 81.

⁸ MAGGIANI, S. “Festa/Festas”, in SARTORE, D., TRIACCA, A. M. (orgs.). *Dicionário de liturgia*. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 472.

⁹ SORCI, P. “Mistério Pascal”, in SARTORE, D., TRIACCA, A. M. (orgs.). op. cit., p. 775.

podendo ele agir de forma eficaz através do memorial a fim de resgatar o mundo da sua condição de caducidade e do estado de esquecimento. O memorial “presentifica” uma realidade do passado, de forma eficaz, no culto. Ele atualiza na celebração a *dynamis* salvífica experimentada outrora para que, na recordação litúrgica, o homem possa reviver aquilo que estava condenado à morte eterna. É possível saborear, então, com renovado ardor, o amor criativo e salvador de YHWH¹⁰. Neste sentido, é bastante esclarecedora a observação de G. Ravasi, em sua obra sobre o Cântico dos Cânticos, quando, ao traduzir Ct 1,4 (“para saborear teus amores mais que o vinho”), diz que

O verbo traduzido por “saborear” (poder-se-ia traduzir também por “exaltar”, “celebrar”) é o hebraico *zkr* que de per si significa “recordar” não em sentido nostálgico e sim de modo criativo e eficaz, como se fizesse reviver realmente o que passou. “Recordar” as ações do amor de Deus na liturgia quer dizer torná-las vivas e presentes no “hoje”. O amor verdadeiro, então, desafia o tempo: é certamente a história passada de um encontro, mas é também uma presença surpreendentemente fresca, é também a espera de um futuro sempre novo a “saborear”¹¹.

A oração judaica da *berakah*, por exemplo, é um memorial dos eventos salvíficos de Deus. Se, por um lado, não se pode celebrar a bênção de YHWH sem recordar suas grandes obras, por outro lado não se pode celebrar o memorial da salvação experimentada sem, ao mesmo tempo, proclamar com fé as maravilhosas intervenções de Deus na história. Assim, bênção e o memorial se correspondem mutuamente. Os salmos são exemplo típico disso (cf. Sl 30,5; 97,12; 145,7).

Em termos culturais, o memorial tem dupla dimensão: é dirigido a Deus e, ao mesmo tempo, dirigido ao povo. Proclamar as grandes ações de Deus significa recordar a Deus a sua promessa e a Aliança realizada uma vez por todas com o seu povo (Ex 32,13; Sl 105,8; Jr 14,21). Mas recordar a Deus a sua promessa e a sua Aliança significa também recordar ao povo as intervenções divinas de que foi beneficiário e suscitar no seu interior a ação de graças e a fé na continuidade dessas intervenções.

Esse memorial é normalmente ligado a algo do real, concreto e objetivo e a sua celebração cultural, especialmente, é acompanhada de elemento material, de sinal. O sábado, a páscoa e tantas outras instituições e sinais culturais são

¹⁰ NEUNHEUSER, B. “Memorial”, in SARTORE, D., TRIACCA, A. M. (orgs.). op. cit., p. 724.

¹¹ RAVASI, G. *Cântico dos Cânticos*, São Paulo: Paulinas, 1988, p. 44.

objetivações do memorial, recordações permanentes das intervenções salvíficas para o povo: “...para que te lembres do dia em que saíste da terra do Egito, todos os dias da tua vida” (Dt 16,3); “E será como sinal na tua mão, um memorial entre os teus olhos” (Ex 13,9).

Rememorar não se identifica, portanto, com a simples recordação: o memorial é celebração que comporta ação e elementos visíveis, por meio dos quais se atualiza o passado e a assembleia cútica se insere na história da salvação.

2.2 A Aliança

Prática comum entre povos ou indivíduos, a realização de uma aliança ou pacto estabelece direitos e deveres recíprocos entre os contratantes, sendo muitas vezes fruto da benevolência do mais forte para com o débil. A aliança costuma ser acompanhada por algum gesto ritual ou sinal profético que servirá de recordação daquele compromisso como, por exemplo, plantar uma árvore ou erguer uma estela de pedras (cf. Gn 21,33; 28,18.22) e ainda uma refeição em comum (cf. Gn 31,54).

A Aliança é uma das obras constantes de Deus na economia bíblica e marca todas as grandes épocas da história da salvação: aparece ligada a Noé, a Abraão, a Moisés e Josué; é renovada no tempo da monarquia e depois do retorno do exílio babilônico; é anunciada pelos profetas, especialmente Jeremias e Ezequiel, como nova Aliança, ao mesmo tempo interior e universal, para os últimos tempos. Seu caráter fundamental é a irrevogabilidade: Deus conclui um pacto com seu povo e permanece irrevogavelmente fiel a ele.

Depois da proto-aliança cósmica com Noé (cf. Gn 9,8-17), que não é bilateral, mas totalmente gratuita (cf. Gn 6,18), as etapas da realização da Aliança entre Deus e o gênero humano têm um momento importante na figura de Abraão que, na qualidade de pai povo escolhido, possui uma vocação de dimensão coletiva e até mesmo universal (cf. Gn 12,3)¹². É no cumprimento da palavra de salvação de Deus que está a essência da Aliança com o patriarca, depositário das promessas divinas de terra e descendência numerosa que, em disponibilidade total

¹² KUNRATH, P. A. “Aliança e eucaristia”, in *Teocomunicação*, 109 (1995), p. 421.

aos desígnios do altíssimo, empenhou todo o tempo de sua vida em caminhar com ele (cf. Gn 17,1). A promessa vinda da parte do Deus criador e libertador é sempre estável, perpétua e irrevogável. Assim, o vínculo firmado com Abraão, cuja fé é provada diversas vezes, é proposto e renovado aos seus descendentes, Isaac e Jacó (cf. Ex 6,2-5).

O rito com que se cumpre a aliança é geralmente um rito de sangue, como o que acontece com Abraão, que, realizando um antigo ritual, imola animais e os divide em duas partes, que YHWH consome por meio do símbolo do fogo com que passa, sozinho, entre as partes (cf. Gn 15,9-18). E pode ser visto também na Aliança do Sinai, onde Moisés, depois de ter oferecido holocaustos, aspergiu com sangue o altar e o povo, proclamando: “Este é o sangue da Aliança que YHWH fez convosco, através de todas essas cláusulas” (Ex 24,8).

O gesto assume relevo particular se recordarmos que, na cultura bíblica, o sangue é a vida e, quando é aspergido sobre as duas partes que contraem uma aliança, cria uma comunhão física entre elas que as compromete radicalmente a serem fiéis uma à outra. Pela eleição de todo o povo de Israel, este se torna propriedade particular de YHWH, consagrado para oferecer sacrifícios de louvor ao altíssimo.

A imagem do fogo que passa entre os animais divididos, no pacto abraâmico, tem um equivalente no êxodo, quando a coluna de fogo conduz Israel pelo meio do mar dividido (cf. Ex 13,21s; 14,22.29). A intenção do autor sagrado é mostrar a relação entre a páscoa e a Aliança, solidificando o vínculo que une a descendência de Abraão a Deus, seu salvador. A páscoa pode ser considerada uma consequência da fidelidade de Deus à Aliança firmada com os patriarcas: ele se recorda da promessa de libertação que fez a Abraão, Isaac e Jacó (cf. Gn 15,13s)¹³. Por outro lado, a páscoa é também um passo importante da divina revelação, que se completará na Nova Aliança e nas núpcias eternas de Deus com a humanidade.

O gesto de instituir a Aliança com Moisés tem como pano de fundo a auto-revelação de Deus e o desejo de entrar em comunhão mais plena com os homens e mulheres, comunicando-lhes a salvação; em contrapartida, o povo deve escutar a voz de YHWH e observar a Aliança. O acontecimento do Sinai está na origem da

¹³ FUGLISTER, N. *Il valore salvifico della pasqua*. Brescia: Paideia, 1976, p. 275.

religião de Israel, destinatário da benevolência divina e depositário das promessas de YHWH: o objetivo do êxodo não é simplesmente sair do Egito ou adentrar a Terra prometida, mas servir a Deus através do culto, adorando-O aos pés da montanha sagrada (cf. Ex 7,16). Da parte do povo escolhido, a resposta esperada é a da obediência da fé no Deus único, observando os preceitos da lei mosaica, carta magna de Israel. Honrar ou não estes compromissos vai condicionar o destino histórico da descendência de Abraão¹⁴.

Na conclusão desse tratado entre Deus e seu povo, os anciãos fazem uma ceia na presença de YHWH (cf. Ex 24,11), uma vez que comer “diante de Deus” é uma ação profética sagrada que renova a aliança com a divindade. Em seguida, os líderes da comunidade oferecem sacrifícios de animais cujo sangue, aspergido sobre o altar de Deus e sobre a multidão, constitui o elemento sensível que sela a união entre as partes (cf. Ex 24,6.8). Este rito de sangue confere ao pacto o significado de uma comunhão de vida com o Senhor. As tábuas da Lei confiadas por Deus a Moisés são colocadas dentro de uma arca, que se torna memorial da Aliança e sinal da presença do Deus que caminha com seu povo (cf. Nm 10,33ss).

O lugar de encontro entre YHWH e o povo é a chamada tenda da reunião, futuramente substituída pelo templo salomônico de Jerusalém, que abriga a arca (cf. Ex 33,7ss), vinculando assim o culto e o Decálogo à Aliança¹⁵. O pacto sinaítico, renovado por Josué (cf. Js 24,25-28), reafirmado por Davi e sua dinastia (cf. 2Sm 7,1-17; Sl 89) e guardado pelos profetas, terá seu ponto alto no fim dos tempos, numa Aliança nova e definitiva (cf. Jr 31,31-34), pela mediação do misterioso servo de YHWH (cf. Is 42,6; 53,4-12).

A Aliança caracteriza-se como um empenho irrevogável da parte de Deus que nem mesmo as infidelidades humanas poderão cancelar, pois está fundada na fidelidade, na justiça e na estabilidade do amor divino: “Por um lado, a Aliança é fato bilateral, porque implica resposta de fidelidade do povo à fidelidade de YHWH, mas, por outro lado, é fato unilateral, visto que a fidelidade de YHWH não está à mercê da infidelidade do homem”¹⁶.

O vocábulo hebraico *émet*, abundante nos salmos (cf. Sl 18,3; 31,3; 62,8), que indica a fidelidade absoluta de Deus, não está relacionado com o conceito

¹⁴ GIBLET, J., GRELOT, P. “Aliança”, in LÉON-DUFOUR, X. (org.). op. cit., p. 25.

¹⁵ DE VAUX, R. *Instituições de Israel no Antigo Testamento*. São Paulo: Paulus, 2003, p. 528.

¹⁶ ROCCHETTA, C. *Os sacramentos da fé*. São Paulo: Paulus, 1991, p. 114.

grego de verdade, como às vezes se traduz, mas à solidez de uma rocha inabalável, que pode servir de apoio seguro. Suscita a adesão total da fé ao testemunho de YHWH, que não se engana e nem quer enganar aqueles que ele escolheu como sua propriedade particular.

A noção de justiça no mundo bíblico do antigo testamento também difere da consagrada expressão greco-latina “dar a cada qual o que lhe é devido”, uma vez que expressa o fato de Deus ser absolutamente fiel a si mesmo e às suas promessas. A comprovada fidelidade do Deus de Israel, aplicada à Aliança, indica ser ela o cumprimento indefectível do plano de Deus e, portanto, da justificação e da salvação que ele prometeu. A Aliança é fruto da iniciativa gratuita e livre de YHWH, no seu grande amor por Israel, comprometendo-se e doando-se, cheio de benevolência, qual pai ou mãe amorosa (cf. Is 49,15; Os 11,1).

Uma relação recíproca de pertença, como vínculo de Israel com Deus, está igualmente implicada na ideia da Aliança. O conceito pascal de libertação significa que aquele que foi resgatado se torna propriedade do libertador. Assim Israel, servo do Senhor, seu povo e seu reino, torna-se seu eterno aliado, como o demonstram os termos pós-sinaíticos que foram traduzidos como assembleia e sinagoga. Tais expressões são aplicadas a Israel, identificando-o como comunidade cultural e povo da Aliança, como também o exprimem os motivos matrimoniais e nupciais amplamente utilizados pelos profetas para referir-se ao povo de Deus (cf. Ml 2,14; Pr 2,17).

A aceitação e a observância das prescrições pascais estão vinculadas à promessa de proteção e salvação da parte de Deus, por todas as gerações. A ideia central, o cerne da preocupação divina é sempre a vida, cuja posse inclui os bens relacionados à Aliança: a terra, a libertação dos inimigos e a pertença a Deus.

2.3

A ceia pascal como memorial da Aliança

Antes de considerar os diversos aspectos do banquete pascal, é oportuno observar algumas características mais gerais da refeição comum em geral¹⁷. Primeiramente, a relação dos comensais com o alimento enquanto fonte de vida e

¹⁷ ALDAZÁBAL, J. *A eucaristia*. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 41.

de comunhão com o universo criado, unindo a pessoa humana aos elementos do cosmo, do qual ele faz parte e pelo qual é chamado a zelar com responsabilidade. Comer não é apenas alimentar-se e se fortalecer, mas sentir-se integrado ao universo circunstante, com gratidão pelos dons recebidos, fruto do próprio trabalho ou do de outrem.

A dimensão convivial é naturalmente favorecida pelo alimento partilhado: estar lado a lado na mesma mesa faz crescer a unidade e a fraternidade, propiciando também o desenvolvimento da comunicação e da dimensão simbólica da festa. As culturas orientais distinguem-se, de modo especial, por demonstrar a hospitalidade no comer e no beber juntos.

A dimensão escatológica é uma realidade igualmente presente no âmbito das refeições sagradas, de modo particular para os judeus. A esperança messiânica, acalentada pelos profetas pós-exílicos, é acentuada na ceia pascal dos hebreus, antecipando o banquete do fim dos tempos (cf. Is 55,1ss). O desenrolar da história de Israel possui um dinamismo que parte da experiência do Deus já conhecido, abrindo-se para uma nova revelação no futuro.

A refeição especificamente pascal tem um conteúdo bastante rico, com diversos elementos a serem considerados. O primeiro deles, o sangue, possui um valor energético vital, podendo ser empregado no ambiente cultual com finalidade sacrificial ou sacramental. No primeiro caso, sendo vertido sobre o altar, ele é oferecido a Deus, Senhor da vida¹⁸. O Antigo Testamento proíbe o costume, não raro nas culturas circunvizinhas, de se beber o sangue do sacrifício, visando o êxtase.

Quanto ao aspecto “sacramental”, em vista da salvação do homem, o sangue é o meio oferecido a Deus para a remissão dos pecados¹⁹. Tal é o princípio veterotestamentário (Lv 17,11: “o sangue faz expiação pela vida”), aproximando os conceitos de expiação, remissão e purificação. Os ritos de expiação atuam na prática como uma reconsagração, uma regeneração que equivale a uma renovação da Aliança entre Deus e a humanidade. Expiar é tornar Deus propício, favorável, compassivo, suplicando o perdão divino, realizando também algum gesto que

¹⁸ SPICQ, C., GRELOT, P. “Sangue”, in LÉON-DUFOUR, X. (org.). op. cit., p. 944.

¹⁹ BOISMARD, M. E. “Cordeiro de Deus”, in LÉON-DUFOUR, X. (org.). op. cit., p. 178.

expresse a vontade de “lançar fora” o pecado, para que não cause novamente a ruptura da Aliança²⁰.

Se o sangue carrega em si uma força vital, o pecado indica uma perda desta força. Isso pode ser remediado através da expiação, com a vida obtida mediante uma morte, posto que o sangue não pode ser conseguido de outra maneira. O sangue, sinal da vida extirpada da vítima, satisfaz Deus no lugar da vida do oferente. Aqui está a raiz da teologia do martírio, que aplica esta ideia ao sacrifício eficaz dos heróis da fé.

A reflexão teológica sobre a dor e o sofrimento, que aparece inicialmente nos Cantos do Servo de YHWH do Dêutero-Isaías, é enriquecida por um matiz cultural, valorizando, de forma simbólica, o sangue do cordeiro. Em geral os textos bíblicos referem-se ao sacrifício de comunhão e ao holocausto, nos quais o sangue da vítima é aspergido sobre o altar do sacrifício.

A imagem do cordeiro apresenta-se com frequência como uma metáfora²¹ para a inocência e também para a serenidade ou a mansidão (Jr 11,19: “eu era como um manso cordeiro levado ao matadouro”). Ela simboliza a capacidade de resignação para suportar com paciência os sofrimentos que nos são infligidos por outros, como também a força redentora que brota do sacrifício daquele animal. O termo hebraico *talya* pode significar “cordeiro”, mas também “jovem” ou “servo”. Partindo do culto sacrificial israelita, que usava entre outros animais o cordeiro, não demorou muito para que essa ideia fosse aplicada também às vítimas do martírio.

Também a ideia messiânica do guardador de rebanhos aparece ligada àquela do sacrifício, tanto na tradição judaica como na cristã. O cordeiro do sacrifício, pertencente à categoria da salvação cultural, pode simbolizar ao mesmo tempo a figura de salvador e guia, próprios de uma soteriologia histórico-salvífica.

O sangue do cordeiro pascal serviu como sinal de salvação na noite do êxodo egípcio (cf. Ex 12,7.13), na qual os primogênitos de Israel foram poupados, ao contrário de seus opressores. O resgate daqueles que são as primícias, a força vital e a garantia de continuidade do povo de YHWH, torna-se uma realidade a ser festejada perpetuamente, com os pães ázimos e os demais elementos da ceia

²⁰ RUIZ DE GOPEGUI, J. A. *Eukharistia: verdade e caminho da Igreja*. São Paulo: Loyola, 2008, p. 277.

²¹ FUGLISTER, N., op. cit., p. 57.

pascal. Esta cerimônia, em ação de graças pela liberdade conseguida, visa obter a benevolência de Deus na terra prometida, pedindo também por toda a humanidade. Os hebreus foram constituídos como um povo sacerdotal, sendo seu papel em relação às outras nações semelhante àquele do sacerdote, que intercede junto de Deus em favor de seu povo.

Os ritos ajudam a reacender no coração da comunidade de Israel a recordação de Deus, que dá fertilidade aos campos e sacia a fome do povo no deserto pelo maná. Cumulados desses bens salvíficos, os fiéis podem apresentar ao criador as primícias dos frutos da terra. Comer os pães ázimos é um sinal e meio comemorativo da pertença de Israel ao Senhor, tornando-se assim um culto litúrgico (cf. Ex 13,3-9)²². Trata-se do pão da miséria e da aflição, que simboliza a pobreza e a opressão sofridas sob o jugo da escravidão egípcia. Juntamente com o sangue da páscoa, ele é um meio de salvação, a memória da libertação e o sinal do resgate da escravidão, fato acontecido “de improviso”, razão pela qual se come os pães sem fermento, pois não houve tempo de prepará-los como de costume (cf. Ex 12,34.39; Dt 16,3).

O período da travessia do deserto, que se seguiu à libertação do Egito, incorpora um sistema de vida simples, livre de exigências, natural e autêntico, que é recordado pelo pão ázimo. Ele é um dom da natureza, digno e sóbrio, enquanto o pão fermentado é produto artificial: existe aqui uma contraposição de colorido moralizante entre a seriedade e a santidade da vida renovada e livre, e a condição dissoluta e presunçosa, representada pelo prazer corrompido do levedo²³. O pão simples dos antigos é também o pão escatológico da plenitude messiânica que o maná de certo modo antecipa (Sl 72,16: “haverá grande fartura sobre a terra”).

Na refeição pascal são previstos, juntamente com o cordeiro e os pães ázimos, quatro cálices de vinho, destacando-se o primeiro e o terceiro, sobre os quais se pronuncia a bênção e a oração de ação de graças. Pão e vinho são memorial portador de salvação e matéria para o sacrifício.

A uva tornou-se, com o tempo, símbolo da prosperidade da terra prometida (cf. Nm 13,23), e o próprio Israel é chamado vinha ou videira do Senhor (cf. Is 5,7; Os 10,1; Sl 80,9). O cordeiro, ligado aos povos nômades, vai tendo sua

²² FUGLISTER, N., op. cit., p. 125.

²³ SESBOUE, D. “Pão”, in LÉON-DUFOUR, X. (org.). op. cit., p. 710.

centralidade, na celebração pascal, suplantada pelo pão e o vinho, ainda mais depois da destruição do Templo de Jerusalém. O vinho, cujo uso é atestado de forma abundante na escritura (cf. Sl 23,5; Pr 9,2; Jó 1,13.18), crescerá de importância, junto com o pão, no ritual da páscoa: eles lembram a tomada de posse de Canaã, apontando também para a fertilidade futura, quando “os montes destilarão vinho” (cf. Am 9,13; Jl 4,18). A perspectiva do juízo escatológico²⁴ não é estranha ao memorial do vinho, que estabelece a comunhão entre aqueles que partilham o cálice pascal.

A promessa do êxodo do Egito, assegurada pelos verbos da ação divina em Ex 6,6-7, dá nome aos quatro cálices da refeição pascal: libertar, salvar, resgatar e tomar para si. Eles contem o “vinho do furor de Deus” (cf. Jr 25,15), destino final dos ímpios, bem como a consolação para quem confiar em Deus, sustento e herança de quem nele permanecer fiel (cf. Sl 16,5).

O vinho, oferta sacrificial, além de recordar a ação libertadora realizada no passado e indicar a salvação que deve cumprir-se no fim dos tempos, pode ser comparado ao sangue (especialmente o vinho tinto) e à própria vida (cf. Eclo 31,27), sendo usado para curar e fortalecer (cf. 2 Sm 16,2). A ele é atribuído poder expiatório e purificante (cf. Gn 49,11) e, acompanhando o pão, congrega e renova a aliança e a reconciliação entre os membros de uma assembleia (cf. Ex 24,11). O pão e o vinho que a Sabedoria oferece (cf. Pr 9,5) tornam-se imagem da Torá, fonte de vida, consolação e alegria para o coração humano (cf. Sl 104,15).

O núcleo da celebração pascal é o banquete²⁵ ou ceia, em cujo ritual se glorifica a Deus, agradecendo pelo passado, para direcionar-se, cheio de esperança, ao futuro, experimentando os frutos do grande ato salvífico de Deus na história, penhor da salvação pascal passada, presente e futura: a libertação da escravidão egípcia. Os elementos tratados acima estão em relação com esta celebração memorial: o cordeiro é sacrificado para ser refeição, o sangue é derramado em favor dos comensais, o pão ázimo e o vinho fazem parte da refeição, assumindo pleno significado durante a ação litúrgica.

A instrução mosaica para realizar a ceia, por ocasião da saída do Egito, identifica a celebração da páscoa como uma “noite de vigília”, uma “festa” e uma

²⁴ SESBOUE, D. “Vinho”, in LÉON-DUFOUR, X. (org.). op. cit., p. 1082.

²⁵ FUGLISTER, N. op. cit., p. 156.

“liturgia”, ou seja, um memorial: “Este dia deve ser para vós um memorial, e deveis celebrá-lo como uma festa para o Senhor; deveis celebrá-lo como instituição perpétua de geração em geração” (Ex 12,14). O Deus de Israel “deixou um memorial de suas maravilhas” (Sl 111,4), ao instituir a solenidade pascal como ação de graças por seus benefícios.

A ação de partilhar os alimentos, na ceia ritual, cria a comunhão existencial dos membros da assembleia entre si e com Deus, que os convoca para tal celebração²⁶. O objetivo da memória pascal é, então, pela evocação das “mirabilia Dei”, trazer para a vida dos comensais a realidade da Aliança, com toda a sua eficácia salvífica, testemunhada nos tempos mosaicos (cf. Ex 24,11; Dt 27,7). Além disso, o banquete direciona a atenção dos convivas para a consumação dos tempos e a abundância dos frutos celestes aí almejada.

O memorial é o núcleo essencial da liturgia da páscoa, ao qual se reportam todos os ritos da festa em seus diversos elementos, em particular o cordeiro, o pão e o vinho. Seu objetivo é preservar do esquecimento os benefícios do Senhor, chamando-os continuamente à memória, renovando-os e atualizando-os cada ano na mente e no coração dos que celebram a solenidade pascal.

Diversos salmos mostram, ao mesmo tempo, o desejo de fazer o Senhor se lembrar de Israel, de modo que ambos possam ser, contemporaneamente, sujeito e objeto da recordação cultural (cf. Sl 74,2; 89,51; 106,4). Na instituição do sábado, em que convida Israel a entrar no seu repouso, Deus pode, mais uma vez, mostrar sua benevolência salvadora, renovando a Aliança com o povo eleito, e através deste, com toda a criação, enquanto sinaliza profeticamente o futuro, garantindo a libertação final. Assim a liturgia da páscoa, enquanto sinal e memorial²⁷, reassume em si o passado, o presente e o futuro, a cada ano produzindo, atualizando e tornando fecunda a salvação pascal.

Essa fecundidade se expressa no louvor e na ação de graças da assembleia reunida para o culto divino, que através de sinais sacramentais, atualiza a redenção. Jesus Cristo, oferecendo-se em sacrifício por seus discípulos e discípulas, participa intensa e radicalmente dessas realidades, renovando, na fidelidade a Deus e seu povo, a esperança da glória futura, à qual é chamada toda

²⁶ GALOPIN, P. M. “Refeição”, in LÉON-DUFOUR, X. (org.). op. cit., p. 863.

²⁷ BONNARD, P. E, “Páscoa”, in LÉON-DUFOUR, X. (org.). op. cit., p. 719.

a humanidade. O memorial permite assim, pela recordação da Aliança, experimentar nas realidades simbólicas do presente certo gosto da plenitude eterna²⁸.

²⁸ ROVIRA BELLOSO, J. M. *Os sacramentos: símbolos do Espírito*. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 187.

3

O memorial eucarístico de Jesus

3.1

A ceia como sacrifício de louvor e ação de graças

Os evangelhos sinóticos e o quarto evangelho apresentam diversas ocasiões em que Jesus aparece fazendo refeição com seus discípulos e também com grupos de pessoas desacreditadas pelo sistema religioso de sua época, em contextos de controvérsia com as autoridades judaicas²⁹. Trata-se de um gesto profético de solidariedade e partilha, não só do alimento, necessidade básica do ser humano, mas da vida como um todo.

Dentre todos os textos de comunhão de mesa, os relatos evangélicos deixam transparecer a singular importância que teve a assim chamada última ceia na existência messiânica de Jesus. Com efeito, ele “desejou ardentemente” (cf. Lc 22,15) participar daquele momento com os seus; foi o ponto “onde ele quis chegar”, isto é, foi a instância até onde seu imenso e desinteressado amor o conduziu, segundo a expressão joanina *eis télos* (cf. Jo 13,1).

No horizonte da derradeira ceia, como de todas as outras, está a *berakah*, oração de bênção e ação de graças³⁰. Mais do que uma prece, ela se constitui num *modus vivendi* e numa atitude de estupor que o homem experimenta diante de Deus e de suas maravilhas realizadas no mundo. Essa postura caracteriza a espiritualidade judaica, tanto a nível comunitário como individual. Ela é fruto de uma maior personalização das celebrações em Israel, o que será acentuado ainda mais depois da destruição do Templo, tendo como resultado a valorização do “culto da palavra”, em detrimento dos sacrifícios cruentos. Fazendo memória das ações de YHWH em favor de seu povo, apresenta a Ele, em forma de prece, as garantias que deixou de sua presença (cf. Sl 111,4), suplicando a continuidade de seu atuar, pela renovação da Aliança. O hábito de recitar a *berakah*, algo que o judeu piedoso faz diversas vezes durante o dia, “em todo tempo e por todas as coisas dando graças a Deus” (cf. Ef 5,20; 1Ts 5,18), acaba por plasmar no homem

²⁹ CASTILLO, J. M., “Eucaristia”, in FLORISTÁN SAMANES, C., TAMAYO-ACOSTA, J. J. (orgs.). *Dicionário de Conceitos Fundamentais do Cristianismo*. São Paulo: Paulus, 1999, p. 253.

³⁰ DI SANTE, C. *Liturgia Judaica: fontes, estrutura, orações e festas*. São Paulo: Paulus, 2005, p. 28.

um coração capaz de se admirar e se alegrar, mesmo em meio às provações, porque vê o real sob a luz nova da gratuidade.

A *berakah* hebraica nasce, se constrói e se consoma na apresentação memorial daquilo que Deus, desde sempre, foi para o seu povo: um Deus que o amou, o escolheu e o salvou. É na oração memorial da *berakah* que o israelita, repassando os modelos históricos nos quais a Aliança se revelara atual, descobre suas leis de perenidade. Que o sentido anamnético ou memorial informe tão profundamente a *berakah*, deve-se ao fato de ela ser, de certa forma, a alma que vivifica toda a relação de Israel com Deus, pelo aspecto memorial que a distingue. Assim, o memorial litúrgico é o fato ou a ação que tem o poder de dar uma presença invisível, mas real, à coisa da qual se faz memória.

A fonte de toda bênção é sempre Deus, que na sua infinita generosidade oferece ao ser humano a possibilidade de ser “herdeiro da bênção” (cf. 1Pd 3,9), vivendo da fé e, de alguma forma, abençoando, com sua existência, todo o universo³¹. Numa dinâmica admirável, Deus cria o mundo e o homem torna-se capaz de responder à gratuidade amorosa de Deus através do louvor – são os movimentos catabático e anabático respectivamente.

É certo que o coração humano, vocacionado à relação com o amor infinito de Deus, por vezes se “entorpece” e se extravia do plano divino. Reconhecendo sua infidelidade à Aliança, pedindo perdão e abandonando-se confiante à imensa misericórdia do Senhor, o ser humano é confirmado na bênção de Deus. Responde então pela dinâmica ascendente do culto numa tentativa de aceder novamente à felicidade paradisíaca, retomando o diálogo vital e o caminho do encontro consigo mesmo, com o cosmo e com o Criador. Deixando-se arrebatado pela verdade revelada à qual a *berakah* o convida, o homem, “ser de desejo” (cf. Dn 9,23), goza novamente do favor divino, pois Deus, sempre fiel às suas promessas, não deixa de vir ao seu encontro em sua magnânima e transparente condescendência, para reconduzi-lo à via da salvação³².

No ecossistema terrestre, a pessoa humana pode agir, por um lado, como representante do Criador, cuidando do seu “jardim” (cf. Gn 2,5.8.15). Por outro lado, como porta-voz de toda a criação, sobretudo quando toma de alguns

³¹ SCHARBERT, J. “Bênção”, in BAUER, J. B. (org.). *Dicionário de Teologia Bíblica. Vol. I*. São Paulo: Loyola, 1988, p. 133.

³² GUILLET, J. “Bênção”, in LÉON-DUFOUR, X. (org.). op. cit., p. 103.

elementos da natureza para, na ação ritual de culto ao seu Senhor, apresentá-los em oferta. Pela oração da *berakah*, este gesto torna-se memorial de recapitulação de todas as bênçãos de YHWH a seu povo desde as origens, bem como atualização sacramental da obra salvífica em perspectiva cristã e prefiguração escatológica do cumprimento do desígnio redentor de Deus³³.

Na tentativa de identificar as orações da ceia judaica no tempo de Jesus, algumas pesquisas apontam para um ritual dividido em três partes: uma primeira bênção; a refeição propriamente dita; uma *berakah* mais elaborada, a *Birkat-ha-Mazon*, que apresenta uma estrutura também tri-partida: “bênção”, “ação de graças” e “intercessão”³⁴. Isso pode ser confirmado pelas seguintes fórmulas pronunciadas por aquele que preside a mesa:

Bendito sejas tu, Senhor Deus nosso, rei do universo, que alimentas todo o mundo com bondade, benignidade, graça e misericórdia, e por tua bondade nunca nos faltou nem nos faltará nada. Bendito sejas tu, Senhor, que alimentas todas as coisas.

Nós te damos graças, Senhor Deus nosso, porque fizeste nossos pais herdar uma terra desejável, boa e vasta, e nos tiraste da terra do Egito e nos libertaste da escravidão. E por tua Aliança que selaste conosco, pela lei que nos ensinaste, pelos mandamentos que nos revelaste, pela bondade e graça com que sempre te mostraste favorável a nós, e pelo alimento que nos dás cada dia e cada hora. Bendito sejas tu, Senhor, pela terra e pelo alimento.

Tem piedade, Senhor Deus nosso, de Israel teu povo e de Jerusalém tua cidade, e de Sião habitação de tua glória e do reino da casa de Davi. E edifica Jerusalém, a cidade de tua santidade, em nossos dias. Bendito sejas, Senhor, tu que edificas Jerusalém. Amém³⁵.

Cada uma das três seções termina com uma bênção. A oração tem início com um louvor a Deus, bendito por tudo o que concedeu ao seu amado povo: o alimento, a terra, a liberdade e a ceia que acaba de ser partilhada.

No trecho intermédio aparece a expressão “dar graças”, tradução do verbo hebraico *yadáh*, que tem também o sentido de “confessar” a grandeza do criador, mais que o próprio pecado. Na sua imensidão, YHWH se volta para o pequeno oferecendo-lhe o alimento tão necessário, assim como todos os outros bens.

³³ SODI, M. “Bênção”, in SARTORE, D., TRIACCA, A. M. (orgs.). op. cit., p. 122.

³⁴ VISENTIN, P. “Eucaristia”, in SARTORE, D., TRIACCA, A. M. (orgs.)., op. cit., p. 397.

³⁵ ALDAZÁBAL, J., op. cit., p. 232.

A conclusão é uma súplica pelo povo, pela cidade santa de Jerusalém, pela descendência do rei Davi e pelas necessidades do tempo presente, na esperança da contínua assistência da graça divina³⁶.

O ambiente de ação de graças da *berakah* tem sua origem na *todáh*, oração sacrificial de louvor que procede do verbo *yadáh*, que poderia ser traduzido como “celebrar, louvar, confessar, proclamar, cantar, narrar, festejar, exultar”³⁷. Essa gama de opções mostra bem a mentalidade do homem bíblico que, ao saber-se beneficiário de um dom, não se fixa no objeto recebido, mas “louva” a ação de Deus, geralmente na presença da assembleia, dando o seu testemunho pessoal para que o benefício seja reconhecido por todos. Este verbo aparece na oração de renovação da Aliança, que é sobretudo um reconhecimento e testemunho da ação de Deus. Ela faz referência a acontecimentos históricos, narrados de forma precisa, que o fiel enumera para que se evidencie neles um motivo para a glorificação de Deus³⁸.

Um exemplo desse gênero de oração aparece em Ne 9,5-37. Ela apresenta uma primeira parte de cunho anamnético (vv. 5-31), dado que Israel é impulsionado a fazer memória da fidelidade de Deus, proclamando e louvando suas obras maravilhosas. A segunda parte da oração é essencialmente epiclética (vv. 32-37). Nela o povo da Aliança invoca a misericórdia de YHWH, suplicando-lhe que renove sua ação benevolente, como consequência do que foi reconhecido e confessado na primeira parte da oração. É evidente o tom de reconciliação e renovação da Aliança, num estilo dialógico entre a comunidade (ou seu porta-voz) e Deus, comum a outras preces da tradição judaica (cf. Js 24,2-15; Dt 26,5-10; Sl 44).

Do que foi até aqui apresentado, podemos inferir que os termos *berakah* e *todah/yadáh* são geralmente empregados em um contexto de renovação da Aliança: a celebração memorial da páscoa. *Berakah* costuma ser traduzido em grego por *eulogia* ou *eucharistia*, o que é mais um ponto em comum com o par

³⁶ GIRAUDO, C. *Num só corpo: tratado mistagógico sobre a eucaristia*. São Paulo: Loyola, 2003, p. 123.

³⁷ MANNATI, M. *Para rezar com os salmos*. São Paulo: Paulinas, 1981, p. 28.

³⁸ A. WEISER, *Os Salmos*. São Paulo: Paulus, 1994, p. 57.

todáh/yadáh, vertido como *eucharistia/eucharistein*, que vai designar o sacramento central da fé cristã³⁹.

3.2

As palavras da instituição

Os relatos da instituição da eucaristia aparecem nos três evangelhos sinóticos e na Primeira Carta de São Paulo aos Coríntios. Geralmente agrupa-se os textos de Marcos (Mc 14,22-25) e de Mateus (Mt 26,26-29), originários da comunidade de Jerusalém, enquanto que Lc 22,15-20 está ligado à tradição da comunidade paulina de Antioquia, juntamente com 1Cor 11,23-26⁴⁰.

Celebrando a páscoa com seus discípulos (cf. Mc 14,12), Jesus, fiel à Aliança e obediente ao Pai, em quem confia plenamente, dá um sentido à sua morte ao oferecer a vida pelos seus. Ele cumpriu o memorial da libertação do êxodo, tomando em suas mãos um pedaço de pão ázimo e pronunciando a benção tradicional, nela introduzindo a expressão “Tomai, isto é o meu corpo”. Essa mudança indica a aceitação do sacrifício de sua vida, entregue generosamente pelo perdão dos pecados e em prol da realização do Reino. Indica ainda a antecipação da libertação messiânica que os judeus projetavam numa escatologia futura. Tal gesto será compreendido plenamente pelos discípulos somente quando o Mistério Pascal de Cristo se cumprir na ressurreição.

O gesto com o qual Cristo, no começo da ceia, deu aos seus discípulos o pão é colocado como conclusão de uma oração, expressa em Mt-Mc alternadamente com os verbos *eulogésas* (para o pão) e *eucharistésas* (para o vinho), e somente para o pão em 1 Cor. O caráter memorial está implícito na benção eucarística pronunciada sobre o pão, e o gesto de partí-lo para distribuir, se estrutura todo no memorial da promessa feita a Abraão e de sua libertação do Egito. Cristo ao fazer a sua *eulogía-eucharistia*, tinha o espírito voltado não para os acontecimentos antigos, cuja função profética conhecia, mas para os novos, prometidos pelo profeta (cf. Is 43,19), que viriam a se cumprir nele (cf. Lc 4, 21). O pão que os discípulos comeriam comunicaria a eles a libertação que ele viera realizar definitivamente no mundo. Em suma, Cristo não se afastou dos sinais pascais do

³⁹ F. TABORDA, *O Memorial da páscoa do Senhor*. São Paulo: Loyola, 2009, p. 89.

⁴⁰ J. A. RUIZ DE GOPEGUI, op. cit., p. 64.

pão e do vinho que o ritual hebraico lhe apresenta, porque era através deles, levando a cumprimento seu significado profético, que a sua páscoa ritual se tornava a continuação do rito antigo.

As realidades novas da ceia de Jesus seriam de duas ordens: seria novo o acontecimento pascal de libertação, porque o Cristo seria o novo cordeiro, e também seria novo o rito pascal, devido ao novo memorial, que faria da ceia o sacramento dos acontecimentos novos. Em Cristo não cessou nem a história da salvação, nem a sua atualização sacramental, mas com ele se extinguiu toda a profecia, também a pascal, porque foi transformada em realidade.

É importante observar os verbos presentes nas quatro narrativas da instituição, veículo da autodoação sacramental de Cristo, quando ele toma o pão em suas mãos e pronuncia a bênção, a *berakah*. Paulo e Lucas a chamam de *eucharistia*, enquanto Marcos e Mateus preferem *eulogia*. Vale lembrar que não se toma nenhuma refeição sem agradecer a Deus, agradecimento que se torna bênção e transformação, não só da matéria mas também da vida daqueles que comungam do gesto de oferecimento de Cristo ao obedecer ao seu mandato: “fazei-o em minha memória”⁴¹.

Em seguida Jesus parte o pão e o distribui, como um chefe de família para quem nenhum dos filhos é estranho. Ao contrário, cada um é acolhido com toda a hospitalidade, na partilha solidária da vida e da “comum união”, em torno da mesa da oblação, na qual herda a bênção divina. O serviço da caridade e a solicitude fraterna tornam-se, assim, uma consequência necessária do culto, enraizando-se nele e aperfeiçoando-o.

Na celebração da última ceia, certamente veio à mente de Jesus a recordação do sangue do cordeiro, aspergido nas portas dos hebreus, escravos no Egito, bem como o sangue da Aliança derramado no altar do sacrifício (cf. Ex 24,8). O sangue do cordeiro de Deus será vertido para selar uma nova Aliança, com a qual entram em comunhão aqueles que dividem a mesma taça. O conceito de expiação como invocação da gratuidade do perdão divino é igualmente presente na oblação de Cristo (cf. Is 53,12) quando ele diz: “Este é o

⁴¹ RATZINGER, J. *Jesus de Nazaré: da entrada em Jerusalém até a Ressurreição*. São Paulo: Planeta, 2011, p. 121.

meu sangue da nova Aliança (cf. Jr 31,31) que é derramado - de forma violenta - em favor de muitos” (cf. Mt 26,28; Mc 14,24; Lc 22,20; 1Cor 11,25).

Mais do que meramente perpetuar a presença de seu corpo e sangue no pão e no vinho, entregar sua vida pelo reino foi o significado central do derradeiro e profético gesto de Jesus⁴². O pão e do vinho são o meio pelo qual os fiéis de todas as gerações poderão entrar em comunhão com Cristo, acolhendo a doação de sua vida, livremente ofertada ao Pai por amor a cada ser humano. Os sinais sacramentais concentram a eficácia libertadora de todo o mistério da vida, morte, ressurreição e ascensão de Jesus, bem como o envio do seu Espírito e todas as passagens salvíficas de Deus na história de seu povo, de modo a possibilitar que a comunidade, comprometendo-se com seu Senhor por meio deste memorial, realize em sua vida semelhante obra.

A ordem de iteração - “Fazei isto como meu memorial” - presente em Lc 22,19 e 1Cor 11,24.25, em geral tem o sentido de “pôr algo na presença do todo-poderoso para que Ele se lembre”. Os discípulos, obedecendo ao mandato do mestre, vão celebrar a ceia para que Deus se lembre de seu ungido e acelere sua vinda; ao mesmo tempo eles se lembram de Jesus e sua obra de salvação. A comunidade realiza seu culto diante do Deus salvador, num clima de tensão escatológica, próprio da iniciativa salvífica de YHWH, manifestada no mistério pascal de Cristo. No memorial não só entra em cena a capacidade de lembrança da assembleia mas, sobretudo, a “boa memória” divina, pela qual Deus torna eficaz o rito.

A ação teândrica do projeto histórico-salvífico de salvação de toda a humanidade e a glorificação de Deus é levada a efeito por Cristo; nele, a humanidade torna-se totalmente presente a Deus e Deus é definitivamente presente à pessoa humana. Jesus institui um memorial novo que será diferente do anterior no conteúdo e no sinal, mas não em seu poder representativo e em seu dinamismo atualizador⁴³. A diferença entre o novo e o antigo memorial não está na ação comemorativa e no caráter objetivo e ritual da evocação do acontecimento salvífico, mas sim nos novos sinais e no novo conteúdo que se apresenta.

⁴² NADEAU, M. T. *Eucaristia: memória e presença do Senhor*. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 22.

⁴³ LÓPEZ MARTÍN, J. *No espírito e na verdade II*. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 67.

O Novo Testamento, em sua releitura nova e definitiva da páscoa antiga, apresenta a morte-ressurreição de Cristo como a consumação da economia salvífica revelada e realizada na antiga Aliança. Este rito, que Cristo quis deixar como memorial de sua páscoa, é a dupla entrega de seu corpo e de seu sangue nos símbolos do pão e do vinho. Jesus quis assim unir seu sacrifício redentor a uma nova ceia e a novos símbolos, instituindo a eucaristia como memorial de sua morte e ressurreição.

Ao rito da ceia pascal hebraica sucedeu o rito da ceia pascal instituída por Jesus “em sua comemoração”. O memorial cristão funda-se no acontecimento histórico da páscoa de Cristo e contém a verdadeira libertação pascal e a redenção do homem, uma vez que antecipa e confirma a salvação definitiva⁴⁴. Cristo, ao instituir a nova páscoa, não alterou a economia pascal em seu conjunto, nem o dinamismo do acontecimento e do rito-memorial, mas cumpriu em sua morte-ressurreição o que anunciava a páscoa hebraica, instituindo um novo memorial para recapitular tudo o que até aquele momento havia acontecido no arco da *historia salutis*. Ao mesmo tempo, a eucaristia é memória da obra pascal de Jesus, que impele para o Reino que virá, sem deixar de se comprometer com a prática da justiça e da misericórdia no tempo presente. Os últimos tempos já chegaram: o Reino está aí, presente de forma iminente na pessoa do Cristo, cuja morte salvadora - sacrificial, expiatória e vicária – e ressurreição se atualizam no culto.

Um aspecto importante da ceia é seu caráter de refeição, isto é, sua importância enquanto alimento que promove a união fraterna em torno da mesa comum, ao mesmo tempo em que favorece a relação com Deus, antecipando o banquete escatológico. Ela tem uma orientação fortemente pascal, sendo memorial da Aliança, acompanhada da bênção, que é propiciadora de alegria messiânica.

O evangelho de João, ao contrário dos três sinóticos, não traz literalmente em seu conteúdo o relato da instituição da eucaristia, mas o faz de forma indireta ao narrar, no coração da última ceia (cf. Jo 13,2-15), a diaconia do amor: o lava-pés como serviço! Parece proposital que haja essa correspondência entre João e os outros evangelistas, ou seja, onde se esperava encontrar as palavras sobre o pão e o vinho, o autor sagrado faz a descrição do gesto tão eloquente e exemplar de

⁴⁴ MAZZAROLO, I. *A eucaristia: memorial da nova aliança: continuidade e rupturas*. São Paulo: Paulus, 1999, p. 82.

Jesus cingindo-se de uma toalha para se abaixar e realizar o trabalho humilde de um servo. A autodoação do mestre deve ser imitada na vida dos seus, seja no serviço, seja no oferecimento da própria vida como oblação.

O evangelista João apresenta uma grande sensibilidade sacramental, situando a atividade de Jesus em Jerusalém no contexto das grandes festas litúrgicas judaicas: a Páscoa (Jo 2,13; 6,4; 11,55), os Tabernáculos ou Tendas (Jo 7,2) e a Dedicção do Templo (Jo 10,22). No horizonte da teologia joanina, são importantes também os textos que fazem alusão direta ou indireta aos sacramentos do batismo (Jo 3,5: “nascer da água e do Espírito”; Jo 9,1-12: “o cego na piscina de Siloé”) e da eucaristia (Jo 6,22-59: “o pão descido do céu”).

No encontro com a mulher samaritana (Jo 4,7-42), quando entabula uma conversação com ela sobre o culto “em espírito e verdade” (v. 23s), Jesus aparece como o exegeta definitivo e aquele que é o doador da “água viva” (v. 10), que é capaz de saciar para sempre a sede da humanidade. Reconhecido como “profeta” (v. 19) por revelar sua interlocutora a si mesma, Jesus lhe mostra quais são os adoradores que o Pai procura, apresentando-se, ele mesmo, como o *locus* do culto verdadeiro, juntamente com o Espírito.

O Jesus joaneu expressa ainda, de maneira magistral, a “sede” de Deus pelo homem (Jo 4,7; 19,28), saciada por completo no mistério da liturgia: o Espírito glorifica o Filho, que, por sua vez, louva o Pai, unindo a si toda a humanidade de forma sponsal. Assim, a economia salvífica atinge o cumprimento daquilo que YHWH já havia proposto a Moisés na primeira Aliança: que o povo, uma vez tendo sido libertado da escravidão do Egito, celebre um festivo sacrifício comunitário de louvor a Deus (cf. Ex 5,1). O cosmo inteiro, gerado pelo sopro divino que pairava sobre as águas no princípio da criação (cf. Gn 1,2), é regenerado pelo Espírito de Cristo-Verdade (cf. Jo 15,26) como fruto de sua oferta pascal, realizando o encontro definitivo do Pai com seus filhos dispersos, capaz de lhes dar vida plena (cf. Prefácio do Natal do Senhor III).

Parece claro que a intenção de Jesus, à luz da teologia joaneia, também é a de matar a fome da humanidade, pois ele é o pão vivo enviado por Deus Pai para permanecer sempre presente nos sinais de sua carne e de seu sangue (Jo 6,22-59). Para que isto acontecesse, Cristo se sacrificou na cruz, tornando-se assim fonte de

vida e de fé para todos os que, uma vez sentindo-se atraídos, de boa vontade vão até ele.

As ações de Cristo proclamam aquelas promessas divinas que, sustentadas pelos eventos do passado, eram projetadas pelo anúncio profético para o futuro, tendo agora dimensões de “redenção eterna” (cf. Hb 9,12). O tempo é totalmente transformado em “tempo de Cristo”, tornando-se o *perene* hoje de Cristo. Daí nasceu a “ordem” do Senhor: “Fazei isto em memória de mim”. Ele queria trazer para a realidade o seu programa ritual e toda a carga de viva espiritualidade nele contida. Assim sendo, a realidade de salvação operada por Cristo devia ser eficazmente recordada por um rito que, sendo repetição daquilo que ele agora fazia, fosse sinal sacramental da salvação realizada.

De fato, esse mandamento de Cristo valia certamente como ordem de fazerem (repetirem) o seu rito e como ordem de fazerem em memória o que o tinham visto fazer. Daí em diante haverá uma nova páscoa, e também esta, como a antiga, devia transmitir-se como ordem explícita do seu autor mediante a celebração memorial. Descrever a ceia do senhor como proclamação da sua morte significa fazer da eucaristia uma celebração na qual a memória da morte de Cristo é memória em sentido especificamente pascal, isto é, momento celebrativo atualizante do acontecimento salvífico por excelência, que é a imolação de Cristo⁴⁵.

A eucaristia situa-se no tempo intermediário que vai da última ceia, da qual constitui a memória na Igreja, ao banquete escatológico, do qual é a preparação e a antecipação. É o banquete de Jesus com os seus, no qual está presente, de modo eminente, em meio àqueles que estão reunidos em seu nome (cf. Mt 18,20).

A realidade dessa presença afirmam-na as próprias palavras de Cristo, em seu significado verdadeiramente teológico: “Isto é o meu corpo”, “Isto é o meu sangue”. É a fé dessa presença real de Cristo na fração do pão que explica a alegria incontida da comunidade primitiva (cf. At 2,42-47), levando a reler em termos eucarísticos tanto os milagres como o episódio da manifestação de Cristo aos discípulos de Emaús no ato de partir o pão (cf. Lc 24,30-31).

⁴⁵ A teologia contemporânea considera a noção de memorial “la clave de la doctrina eucarística” (cf. OÑATIBIA, I. “Recuperacion del concepto de memorial por la teologia eucaristica contemporanea”, in *Phase*, 12 (1972), p. 336).

À fé se une a esperança, pois, embora o Senhor Jesus esteja presente, também é esperado: ele voltará para levar a termo o seu reino. Por isso, o banquete eucarístico da Igreja é, ao mesmo tempo, proclamação da morte e ressurreição de Cristo e espera de sua vinda escatológica (cf. 1Cor 11,26). A primeira comunidade cristã vivia à espera desse retomo. Absorvidos pela alegria futura, os espíritos já estavam como que transportados para o outro lado do tempo. E a espera atingia o máximo de sua intensidade exatamente na celebração eucarística. Pois não se acreditava que ele viria no curso de um banquete nupcial? E a “vigília” o que era senão vigília de espera?

Ele aparecera ressuscitado aos discípulos durante uma refeição; agora, no momento da ceia eucarística, pede-se que ele reapareça. A comemoração do passado e a alegria da presença atual experimentada são dominadas pela antecipação do banquete eterno, do qual eles se acreditavam separados apenas por breve intervalo. Então, brota ardente dos corações a prece da Didaqué: “Venha o Senhor e passe este mundo! *Maranà tha!* Vem, Senhor!”.

3.3

A oração eucarística

A comunidade dos discípulos, atenta ao mandato do Senhor (“Fazei isto como meu memorial”⁴⁶), cultivava o costume de celebrar uma reunião semanal nas casas, destinada à “fração do pão”, como podemos depreender do livro dos Atos dos Apóstolos (2,42ss) e da primeira Carta de São Paulo aos Coríntios (10-11). O Apóstolo gosta de usar a expressão “Ceia do Senhor”, e o faz para se referir a uma forma de culto bastante difundida, que fazia parte da vida eclesial e era celebrada já há algum tempo, em honra do Senhor, pelos que se agregavam ao grupo inicial dos que haviam aceitado a salvação trazida por Jesus.

No contexto dos cristãos, que costumavam se reunir em Jerusalém, a “fração do pão” aparece ao lado da escuta da palavra e das orações, bem como do ensino dos apóstolos, empenhados também no dinamismo missionário de seu núcleo fundamental. Em outras perícopes, o autor de Atos vai explicitar diversos

⁴⁶ MORAES, A. J. *Análise da estrutura literário-teológica das orações eucarísticas para missas com crianças: um estudo a partir da metodologia mistagógica de Cesare Giraudo*. Rio de Janeiro: PUC (Tese Doutoral em Teologia), 2009, p. 56 (nota 52).

aspectos da vida cotidiana daquela assembleia original, quais sejam a comunhão dos bens materiais (cf. At 4,32-35) e o poder de realizar milagres (cf. At 5,12-16); dessa forma, continuam na Igreja, animados pelo Espírito, a obra redentora do Senhor. O clima de louvor e ação de graças, no qual era realizada a celebração, “com alegria e simplicidade de coração” (At 4,46), contagiava os participantes, que experimentavam a presença misteriosa do Ressuscitado, ao mesmo tempo em que aguardavam com fervor sua vinda definitiva.

Em uma de suas viagens missionárias, Paulo se reúne com a comunidade de Trôade, no “primeiro dia da semana”, para a fração do pão (At 20,7-12). Tal refeição ritual se dá na vigília do sábado para o domingo, com um longo momento de pregação da palavra, dentro de uma sala iluminada por lamparinas, contrastando com a escuridão reinante “lá fora”, onde a luz da fé ainda não se fez brilhar, com a presença libertadora de Cristo.

Uma dupla dimensão, vertical e horizontal, vai nortear a reflexão paulina em 1Cor 10,16-17. No v.16 é explicitada a “koinonia” dos fiéis com a presença operante do Messias, pela participação conjunta no cálice e no pão, sangue e corpo do *Kyrios* glorioso e ressuscitado, em sua dinâmica de oblação crucificada. Já o verso seguinte enfatiza a gradativa pertença ao corpo eclesial, como consequência da refeição sagrada na mesa do banquete escatológico do Senhor.

A compreensão da celebração eucarística vai adquirindo conteúdos mais específicos ao longo dos séculos, quando as comunidades posteriores aos apóstolos passam a refletir sobre as sagradas escrituras com vivo interesse, ao mesmo tempo em que a maior liberdade para expressar a fé convida as assembleias, sempre mais numerosas, a disponibilizarem locais mais apropriados para o culto⁴⁷.

Assim como nas sinagogas, também entre os cristãos a proclamação de textos bíblicos adquire grande relevância, estruturando-se uma rudimentar liturgia da palavra, baseada em leituras e orações em comum. Ao lado desta, forma-se a liturgia de eucaristia, que tem seu ponto de partida nos verbos presentes nas narrações neotestamentárias: “tomou-pronunciou-partiu-distribuiu”. Deste modo, quando começam a surgir os ritos de apresentação das oferendas e as orações eucarísticas (como na *Apologia* de Justino e na *Tradição* de Hipólito), o gesto da

⁴⁷ ALDAZÁBAL, J. op. cit., p. 166.

fração do pão ganha maior relevância, chegando a denominar o ato de culto como um todo (cf. At 2,42). O momento da comunhão é enriquecido, inclusive, com a “oração do Senhor”, o pai-nosso.

Graças a Justino, temos o testemunho de como se dava em sua época a celebração da eucaristia, a qual, em grandes linhas, permanece inalterada. Nos capítulos 65 e 67 de sua I Apologia, Justino narra que os cristãos se reúnem no dia “do sol”, por ser o dia da ressurreição de Cristo, iniciando seu culto pela leitura dos textos bíblicos, seguindo-se a exortação por parte daquele que preside o encontro, e as preces e intercessões de toda a comunidade. Em seguida são apresentados pão, água e vinho para serem “eucaristizados” através da oração do celebrante, e distribuídos entre os presentes, sendo levados aos ausentes pelos diáconos.

No capítulo 70 de seu Diálogo com Trifão, Justino cita o pão como memória da encarnação e o vinho como memória do sangue de Cristo. Sua fonte de inspiração foi certamente a narração de 1Cor 11,24-25, por ser a única que traz a ordem de se realizar o memorial sobre ambas as espécies eucarísticas. Quando fala sobre a eucaristia, Justino menciona que ela é celebrada em memória do sacrifício de Jesus, com vistas à nossa transformação, ou seja, o mistério não termina nos elementos do pão e do vinho, mas nas pessoas.

Orígenes, no comentário sobre os pães da proposição (In Lev. Hom. 13,3), observa que eles constituíam uma memória diante de Deus, ao apresentar uma súplica fervente pelas doze tribos de Israel. Ele considera a celebração dos mistérios litúrgicos da Igreja como o memorial de Cristo, que possui uma grande eficácia diante de Deus. A apresentação memorial do pão eucarístico possui uma capacidade de propiciação muito maior do que aquela dos doze pães da proposição do Antigo Testamento, uma vez que se trata da oblação do próprio Cristo.

Para Eusébio de Cesaréia (Demonstr. evang. 1,10), a memória do sacrifício do corpo do "Cordeiro-Cristo" possui um valor superior ao dos sacrifícios do Antigo Testamento e valem como o próprio sacrifício cruento de Cristo na cruz. É, portanto, desnecessário aos cristãos oferecer qualquer outro sacrifício.

João Crisóstomo entende a eucaristia como celebração mistérica, ou seja, é no plano da realidade mistérica, pela anámnese, um rito que se caracteriza pela

presença de um acontecimento salvífico. Ele confronta o sacrifício de Cristo com os sacrifícios do Antigo Testamento, mostrando a verdadeira natureza da celebração do mistério do Novo Testamento. Ele quer, igualmente, mostrar a unidade do sacrifício cruento de Cristo, que se mantém na multiplicidade das celebrações como sacrifício incruento. O fato de a eucaristia ser a memória do sacrifício de Cristo, determina a razão pela qual a diversidade de tempo e lugar, que gera a multiplicação das celebrações, não impedir que em todas essas celebrações se ofereça, na verdade, o único sacrifício consumado por Cristo na Cruz.

Cipriano de Cartago insiste, perante os pagãos, que os cristãos não tinham templos, e, por isso, não tinham altares e nem sacrifícios, a não ser aqueles espirituais e interiores. Por ser memorial, a celebração é uma “imitação” do sacrifício de Cristo que se oferece ao Pai. “Memória” aqui indica sacramento, mas também imitação que, pela exterioridade do rito, caminha na direção de uma correspondência perfeita. Dessa forma, a memória se torna a presença real da "paixão-morte" de Jesus na celebração.

Agostinho de Hipona afirma que o sacrifício de Cristo é único e válido em absoluto. Somente por meio dele é que foi satisfeito, por Cristo, o altar de Deus. Todos os sacrifícios, pagãos e hebraicos, são relativos, em níveis diferentes, ao único e verdadeiro sacrifício. O altar de Deus não só é um memorial, mas também é um sacrifício. Há mais do que simples identidade: trata-se de uma unidade entre a liturgia e o sacrifício de Cristo na cruz. A celebração sacramental de um acontecimento salvífico, mesmo distante no tempo, torna este acontecimento presente. Desta forma, a imolação de Cristo na eucaristia é real em virtude do Sacramento que torna presente o que aconteceu uma vez, sem a necessidade de uma nova imolação, o que seria uma coisa nova, sem identidade com a anterior.

Gregório Magno firma a identidade real entre a eucaristia e a Paixão do Senhor. A eucaristia é uma celebração singular que torna presente a morte do Senhor ocorrida há muito tempo, apesar de Cristo, em si mesmo, estar agora vivo e imortal: o estado glorioso atual de Cristo não impede a presença de sua paixão, uma vez que o mistério remete ao acontecimento mediante o qual o rito se realiza. Para perceber isto basta notar que na última ceia, os apóstolos tinham nas mãos o

corpo sacrificado e o sangue derramado do mesmo Cristo que estava vivo e falando com eles.

As catequeses e sermões de autores dos primeiros séculos, mesmo não tendo a intenção de desenvolver exaustivamente uma teologia eucarística, mostram clara consciência da real presença de Jesus nas espécies do vinho e do pão, bem como de seu desejo de entregar-se como alimento aos irmãos e irmãs. Celebrando o memorial do sacrifício de Cristo nos sinais sacramentais, os cristãos oferecem a própria vida como culto ao Pai, em unidade e continuidade com a oferta do mestre na cruz.

É notável a ênfase das teologias ocidental e oriental, respectivamente, quanto ao modo de o mistério eucarístico se realizar, isto é, a relevância atribuída às palavras de Cristo ou à invocação do Espírito Santo. Seja como for, o fruto da celebração será sempre a união da comunidade eclesial com seu Senhor, tal como o corpo não pode deixar de estar unido à cabeça.

A partir do século VIII, pode-se perceber a crescente influência franco-germânica na missa romana, introduzindo-se elementos mais carregados de sentimentalismo nos gestos, bem como orações privadas do sacerdote em diversos momentos da celebração. Essa “privatização” do culto será acompanhada de uma maior concentração cristológica nas orações, outrora dirigidas quase que exclusivamente a Deus-Pai. O Cristo passa a ser contemplado na sua condição dolorosa, mais que gloriosa, e a eucaristia perde um pouco de seu caráter de memorial pascal para se tornar meramente a presença real do Filho de Deus diante da comunidade, que pouco participa mas tão somente assiste a tudo que o celebrante realiza no altar.

Aos poucos o sacrário vai se tornando mais importante que o altar, e o momento da consagração ganha evidência em detrimento da doxologia e da comunhão, ainda mais negligenciada por conta da controvérsia a respeito da compreensão da presença de Jesus, entre tendências realistas e simbolistas, ocorrida entre os séculos IX e XI. A síntese foi alcançada com a doutrina da transubstanciação nos séculos XII-XIII, com o conceito da presencIALIZAÇÃO do sacrifício no memorial celebrado. A paixão é comemorada, sendo o sacramento uma prefiguração da glória futura e sinal da graça presente.

No século XVI, o Concílio de Trento tratou de abordar a teologia eucarística no tocante à questão do sacrifício, da presença real e da transubstanciação, em resposta às críticas dos reformadores. No que se seguiu, a teologia percorreu um longo caminho até que se chegasse às formulações do Vaticano II com respeito à relação da eucaristia com o sacrifício da cruz: o sacramento é memorial da morte pascal de Cristo e, portanto, sacrifício sacramental ou sacramento sacrificial. Celebra-se o memorial da cruz enquanto se come e se bebe desse corpo entregue e desse sangue derramado, sendo a comunidade, reunida no Espírito Santo, seu *locus* próprio, reaproximando-se, assim, da doutrina dos Padres.

As novas Orações Eucarísticas pós-Vaticano II têm diversos pontos em comum na sua estrutura, que se inicia, no Prefácio, com um louvor e bênção dirigidos a Deus-Pai, agradecendo as maravilhas que continuamente tem operado na história. Segue-se o “memorial” propriamente dito, a anamnese da história da salvação, centrada no mistério pascal de Jesus. A memória, então, faz-se oferecimento, entregando ao Pai o único e definitivo sacrifício de seu Filho, que se doa a nós de modo insuperável⁴⁸. Assim se expressa o Missal de Paulo VI:

Celebrando, pois, a memória da paixão do vosso Filho, da sua ressurreição dentre os mortos e gloriosa ascensão (...), vos oferecemos (...) o sacrifício (Oração Eucarística I)

Celebrando, pois, a memória da morte e ressurreição do vosso Filho, nós vos oferecemos, ó Pai, o pão da vida e o cálice da salvação (Oração Eucarística II)

Celebrando agora, ó Pai, a memória do vosso Filho, da sua paixão que nos salva, da sua gloriosa ressurreição, da sua ascensão ao céu (...), nós vos oferecemos em ação de graças este sacrifício (Oração Eucarística III)

Celebrando agora, ó Pai, a memória da nossa redenção, anunciamos a morte de Cristo e sua descida entre os mortos, proclamamos sua ressurreição e ascensão (...) oferecemos seu Corpo e Sangue, sacrifício (Oração Eucarística IV)

Recordamos, ó Pai, neste momento, a paixão de Jesus, nosso Senhor, sua ressurreição e ascensão; nós queremos a vós oferecer este Pão que alimenta e que dá vida, este Vinho que nos salva e dá coragem (Oração Eucarística V)

Celebrando, pois, ó Pai Santo, a memória de Cristo (...) oferecemos o pão da vida e o cálice da bênção (Oração Eucarística VI).

A invocação pelo envio do Espírito Santo é feita sobre as oblatas de pão e de vinho a serem “eucaristizadas” e também sobre a assembleia celebrante, para que realize uma dupla transformação: do pão e vinho em corpo e sangue do Senhor, e da comunidade reunida em corpo místico de Cristo. Os participantes do

⁴⁸ F. TABORDA, op. cit., p. 236.

culto, fazendo de si mesmos oferenda para Deus⁴⁹, suplicam depois por toda a Igreja dos vivos e dos falecidos, para que seja construída a comunhão almejada pelo Criador.

O memorial é uma refeição, um compartilhar dos sinais que Jesus instituiu, relacionando-os com sua oblação no madeiro: o pão é seu corpo sacrificado, prefigurado no cordeiro da libertação pascal; o vinho é seu sangue oferecido, o sangue da Aliança no amor⁵⁰. O rito recria a situação psicológica daquele dia e torna presente a intervenção divina, enquanto encaminha profeticamente a uma nova e definitiva era.

A força eficaz da cruz salvadora é presentificada na celebração, para cada participante, uma vez que o Espírito, invocado na Palavra proclamada, dinamiza o hoje da história, inserindo-o no divino plano soteriológico. A Igreja, sujeito do culto, é associada intimamente ao seu Senhor: a eucaristia, sacramento da redenção, torna-se sacrifício da assembleia, na atuação discreta do Divino Paráclito, o protagonista invisível do memorial de bênção e louvor ao Pai, dando voz a toda a criação. O mistério eucarístico, desse modo, faz da *ecclesia* uma comunidade epiclética, que pede que o Espírito Santo opere nela a poderosa transformação de ser algo mais do que aquilo que era, unificando-a em Cristo e transformando-a em sinal de transfiguração escatológica⁵¹, pelo dom de si no serviço ao mundo inteiro.

A Igreja, “sinal da unidade entre os seres humanos” (Oração Eucarística VI), tem exatamente na rememoração do mistério pascal, o fundamento de sua missão, ao se tornar sacramento de salvação e presença das *gesta Dei* na dinâmica profética da existência; ao mesmo tempo, antecipa já, em si mesma, a presença do Reino por seu atuar histórico, *laus* perene de glorificação a Deus.

A eucaristia é o centro e o vértice dessa economia de salvação: é o ponto de chegada que recapitula a *historia salutis* e torna presente no simbolismo sacramental a “maravilha” decisiva dessa história, a páscoa de Cristo. Assim, à

⁴⁹ Merece destaque a aclamação da assembleia para a segunda epiclese, nas orações III e IV: “Fazei de nós uma perfeita oferenda!” e “Fazei de nós um sacrifício de louvor!”.

⁵⁰ MARSILI, S. *Sinais do Mistério de Cristo: teologia litúrgica dos sacramentos, espiritualidade e ano litúrgico*. São Paulo: Paulinas, 2009, p. 365.

⁵¹ GUIMARÃES, P. B. *Os sacramentos como atos eclesiais e proféticos: um contributo ao conceito dogmático de sacramento à luz da exegese contemporânea*. Roma: Pontificia Università Gregoriana, 1998, p. 194.

própria medida que o mistério pascal de Jesus é o evento que recapitula e leva a termo a seqüência das “maravilhas da salvação” na história, a eucaristia é o “memorial” do conjunto das grandes obras de Deus e a ação de graças que Cristo oferece ao Pai na Igreja.

Reunindo-se a cada semana, “como se fossem um só” (Ne 8,1), para celebrar a palavra e partir o pão consagrado, os homens e mulheres da comunidade cristã atualizam, por graça do Espírito Santo, a memória de Jesus Cristo, experimentando, na própria vida, os frutos de seu mistério pascal. Sua existência se configura, então, segundo essa realidade salvífica, tornando-se continuação, na história, da vida daquele que assumiu a *forma servi* para comunicar à humanidade seus dons⁵².

⁵² “A natureza específica da moral cristã, o motivo próximo do agir cristão, é, no novo testamento, o Jesus morto e ressuscitado que nos comunica agora a vida divina da qual é pleno” (cf. VAGAGGINI, C. *O sentido teológico da liturgia*. São Paulo: Loyola, 2009, p. 230).

4

A liturgia da Igreja: memorial da páscoa de Cristo

4.1

O domingo: memória semanal do Ressuscitado

O domingo, “dia do Senhor e Senhor dos dias”, é uma realidade fundante⁵³ para todos os cristãos, pois é o dia ressurreição, da nova criação e do dom do Espírito, tornando-se também por isso o dia da esperança por excelência. Em sua Carta Apostólica “Dies Domini” sobre a santificação do domingo, o Papa João Paulo II aprofunda o precioso conteúdo teológico deste dia, apresentando o domingo como festa primordial e irrenunciável para os discípulos de Jesus.

Aprofundando sua reflexão sobre o mistério do tempo, o pontífice lembra a centralidade do mistério pascal de Jesus para a história do mundo. Ao falar sobre a encarnação, chega quase a afirmar que Cristo “nasceu para poder morrer”, ou seja, o corpo humano que ele assumiu ao entrar no mundo foi o instrumento da nossa salvação, e assim o será para sempre:

À luz do Novo Testamento, os anos da existência terrena de Cristo constituem realmente o centro do tempo. Este centro tem o seu ápice na ressurreição. Com efeito, se é verdade que Ele é Deus feito homem desde o primeiro instante da concepção no seio da Virgem Santa, é verdade também que somente com a ressurreição é que a sua humanidade foi totalmente transfigurada e glorificada, revelando assim plenamente a sua identidade e glória divina. No discurso feito na sinagoga de Antioquia da Pisídia (cf. At 13,33), Paulo aplica precisamente à ressurreição de Cristo a afirmação do Salmo 2: “Tu és meu Filho, Eu hoje te gerei” (v. 7). Por isso mesmo, na celebração da Vigília Pascal, a Igreja apresenta Cristo ressuscitado como “Princípio e Fim, Alfa e Ômega” (n. 74)⁵⁴.

O Círio Pascal, grande vela artisticamente decorada que tem um destaque notável na liturgia batismal, é disso uma grande prova. Seu corpo de cera, louvado no Precônio Pascal, é como a carne do Salvador, mortalmente ferida pelos cravos, e que, ao consumir-se, gera vida nova. Espera-se que a luz do Ressuscitado, como a vela na noite santa da ressurreição, vença as trevas do erro e do pecado, uma vez que brota do evento insuperável da vitória sobre a morte no madeiro da cruz, que sepultou a morte assassina e até então temível.

⁵³ BIANCHI, E. *Dar sentido ao tempo: as grandes festas cristãs*. São Paulo: Loyola, 2007, p. 8: “O sétimo dia é o destino do homem e de toda a criação, a antecipação escatológica para toda a humanidade, a liturgia de toda a história, a transfiguração de todo o cosmo”.

⁵⁴ JOÃO PAULO II. *Carta Apostólica “Dies Domini” sobre a santificação do domingo*. São Paulo: Paulinas, 1998, p. 82.

O dia sacramental, que é o domingo, faz memória de toda a ação libertadora de Cristo, não apenas de sua morte sacrificial e ressurreição, mas de toda a sua obra salvífica desde o seu ingresso no mundo. Pela celebração desse dia, nós tomamos parte em sua cruz e ressurgimento, recebemos a luz e o vigor de sua epifania e também a garantia da glória futura.

O *shabat* judaico recorda a criação, manifestando o modo segundo o qual o cosmo saiu da mente divina, em harmonia e justiça, antes do pecado. É também memorial do êxodo, pois que mesmo o pecado das origens não pode destruir a maravilha da obra de Deus. Esta, certamente, fica um tanto obscurecida, mas não é eliminada de todo. A saída do Egito, acontecimento central para a descendência de Abraão, exprime fortemente esta certeza, e o sábado, sua comemoração, a recapitula e repropõe como festa principal.

No princípio da obra da criação, o desígnio divino implicava veladamente a missão cósmica do Messias. Essa perspectiva messiânica se estende sobre o arco da história salvífica, desde o momento em que Deus abençoa e santifica o sétimo dia (cf. Gn 2,3). Nasce o sábado da primeira Aliança, prefiguração do domingo cristão. O tema do “repouso” de Deus após seu “trabalho” é retomado na literatura do Novo Testamento na perspectiva de um “repouso sabático” definitivo (cf. Hb 4,9), onde adentrou Cristo na ressurreição e que também seu povo é chamado a experimentar⁵⁵.

A lembrança das *mirabilia dei* (cf. Dt 5,12-15), na memória de suas obras salvíficas, é deslocada pelos discípulos de Cristo para o dia depois do sábado, porque nele se deu a ressurreição de seu Senhor. De fato, a páscoa de Cristo constitui a revelação mais plena possível do mistério das origens, o ápice da *historia salutis* e a antecipação do cumprimento escatológico do mundo. Aquilo que Deus realizou nas origens e fez por seu povo no êxodo, encontrou no mistério pascal de Jesus Cristo seu pleno cumprimento, tendo sua expressão definitiva reservada para a parusia.

O Concílio Vaticano II situa e propõe novamente a obra redentora de Cristo no cumprimento da libertação e da Aliança que a páscoa dos hebreus significava. A Constituição Litúrgica conciliar entende que a páscoa, na primeira Aliança, é

⁵⁵ DANIÉLOU, J. *Bíblia e liturgia: a teologia bíblica dos sacramentos e das festas nos padres da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 2013, p. 244.

figura da páscoa da nova Aliança, e atribui a este evento o lugar central que na história salvífica do Antigo Testamento a libertação pascal ocupava. O mistério de Cristo constitui o fundamento do novo culto: todos os homens e mulheres podem ter acesso, pela fé, à perfeita reconciliação e ao culto mistérico-sacramental que se realizou de uma vez por todas na morte-ressurreição-ascensão do Filho de Deus.

A partir do acontecimento da ressurreição de Jesus, inicia-se uma mudança na observância do sábado: os discípulos oriundos do judaísmo conheciam e praticavam a semana judaica, entretanto o júbilo com que Deus contempla a criação é agora partilhado por seu Filho, aparecendo aos seus e doando a paz, a alegria e o Santo Pneuma (cf. Jo 20,19-23). O sentido do preceito sabático é revelado de forma plena e levado à sua completude definitiva pela glória de Cristo ressuscitado (cf. 2Cor 4,6): o dia do Senhor torna-se o dia de Cristo.

Merece especial consideração, no contexto da memória dominical da criação, o tema da luz. No Antigo Testamento, a luz prefigura o acontecimento messiânico futuro (cf. Is 9,1; 42,6; Mq 7,8-9). No Novo Testamento, o tema da luz está em relação com o fato redentor de Cristo, à sua pessoa e à nova condição de seus discípulos. Jesus ressuscitado aparece a Paulo numa luz radiante, “mais resplandecente do que o sol” (At 26,13; cf. 9,3; 22,6). O primeiro ato de Deus criador foi separar a luz das trevas; o fruto da redenção, operada por Deus em Cristo, é a passagem do poder das trevas para o reino de seu Filho amado, abrindo a todos a herança dos santos na luz (cf. Cl 1,12-13).

O domingo é o dia da ceia do Senhor, memorial sacramental da páscoa de Cristo. Na praxe posterior ao século III, essa dimensão sacramental do domingo manifesta-se também pelo fato de que se torna o dia em que são celebrados os sacramentos da iniciação cristã e ministrado o sacramento da ordem.

O dia do Senhor traz a ideia de que Jesus, por sua ressurreição, foi constituído Senhor, isto é, desde este momento Cristo está na glória, à direita de Deus Pai, e que ele é Senhor dos vivos e dos mortos, e voltará no fim dos tempos para julgar e seu reino não terá fim. Este é um dos temas essenciais do kerigma primitivo (cf. At 2,22-25; Rm 10,9; Fl 2, 9-11).

A celebração do domingo proporciona a possibilidade de antecipar e de experimentar no tempo a plena e definitiva comunhão com Deus. O domingo, como oitavo dia, inaugura no tempo a posse dos bens eternos. A tradição

patrística, ao retomar o paralelismo dilúvio-batismo, já definido no Novo Testamento (cf. 1Pd 3,18-21) trata amplamente do tema. O justo Noé, a mulher, os três filhos e as noras dão lugar ao simbolismo do oitavo dia, o da ressurreição de Cristo. A celebração do batismo transforma-se desse modo na imagem da entrada para o oitavo dia.

A constituição sobre a liturgia, depois de haver descrito a obra da redenção humana e da perfeita glorificação de Deus que tem o seu prelúdio nos admiráveis feitos divinos operados no povo do Antigo Testamento, e que chegou ao seu cumprimento pleno com a morte-glorificação de Cristo, lembra que desde Pentecostes, que assinalou a manifestação da igreja ao mundo, a comunidade dos crentes jamais deixou de se reunir em assembleia para celebrar o mistério pascal.

Toda a teologia do domingo dirige-se para o núcleo fundamental, que é o conceito e a realidade desse dia como páscoa semanal. Todos os outros aspectos daí extraem o seu significado e valor. O domingo é assinalado pelo evento central e sintetizador da história da salvação. A sua celebração permite aos crentes que entrem em contato com a ressurreição de Cristo, e realizem em si mesmos o alcance salvífico que ela tem. Isto faz deste o dia sagrado por excelência, em que a *ecclesia* recorda, para o reviver, o mistério pascal do qual ela nasceu, do qual continuamente vive e pelo qual se manifesta e cresce como comunhão, até atingir a medida de plenitude de Cristo (cf. Ef 4,13)

Ele é, antes de mais nada, um forte sinal litúrgico e tem, por este motivo, todas as dimensões e todas as características dos sinais sacramentais, que são simultânea e inseparavelmente memória do passado, realização no presente de um evento de salvação, anúncio e profecia do futuro.

Aplicado ao domingo, o termo ‘sinal sacramental’ quer indicar que ele não é sinal vazio, simples recordação de um acontecimento do passado, é antes um ‘mistério’, ou seja, a realidade de um futuro que se realiza no presente com base no passado. Como tal, ele entra na economia sacramental que caracteriza a ação de Deus no tempo e, por conseguinte, explica do modo mais exaustivo possível a realização do projeto divino que se vai cumprindo na história humana. Isto não é certamente uma novidade da teologia pós-conciliar: é uma ideia dominante na tradição eclesial, sobretudo patrística.

O domingo é uma porção do tempo elevada à dignidade de sacramento⁵⁶. A sua celebração implica algumas ações humanas realizadas pela Igreja, esposa do Senhor e seu prolongamento no tempo, às quais se acha ligada uma presença operante do Ressuscitado e que, por isso, são santos mistérios, fontes genuínas de salvação para os que crêem no Senhor. Tais ações sacramentais são essencialmente três: o ato de se congregar em nome do Senhor; a escuta-proclamação da palavra; a ação de graças memorial. Justamente por meio destes mistérios, o domingo se apresenta como sacramento, sinal eficaz de culto ao Pai, por Cristo, no Espírito, e de santificação para o homem.

A páscoa, de que o domingo é sinal-memorial, não é, todavia, um acontecimento fechado em si mesmo, mas um evento que desemboca e em que se resume toda a realização salvífica presente, passada e futura. O domingo se apresenta como *anamnese* do *Kyrios*: o dia em que se faz memória da passagem de Jesus deste mundo para o Pai, a qual supõe a paixão e a morte de cruz e que culmina na sua exaltação à direita de Deus e no dom do Espírito. Trata-se de um só e grande evento, que tem uma unidade orgânica e profunda, pois tendo Cristo passado do estado de fraqueza e de enfermidade na carne para o estado de glória, o Pai o constituiu Senhor da história e do cosmo e espírito vivificante para todas as criaturas. Seguindo as pegadas de Cristo, cada pessoa humana, pela mediação sacramental, pode passar da morte para a vida e viver uma existência pascal. Assim, todo o universo é chamado a se renovar, até atingir os novos céus e a nova terra de que fala o Apocalipse (cf. Ap 21,1).

Uma vez que o evento pascal de Jesus é o ponto de chegada de toda a economia vetero-testamentária, fazer memória dele significa também reevocar as maravilhas feitas por Deus na primeira Aliança, as quais são anúncio e profecia da páscoa cristã. Assim também, em nossos dias, resplandecem os antigos prodígios que Deus fez com sua mão poderosa para libertar os israelitas da opressão do faraó. Ele os realiza ainda hoje, quando a humanidade inteira é recebida entre os filhos de Abraão e se torna participante da dignidade do povo eleito.

Dentro desta perspectiva se explica a abordagem da tradição que considera o domingo como o dia memorial da primeira e da nova criação e, portanto, como

⁵⁶ “O tempo é o coração da existência” (cf. HESCHEL, A. J. *O shabat: seu significado para o homem moderno*. São Paulo: Perspectiva, 2004, p. 11).

‘primeiro dia’ ou ‘dia do sol’ e ‘dia da luz’. O ‘primeiro dia’ é aquele em que Deus fez a luz, é o mesmo em que Jesus ressuscitado inaugurou a nova criação. A expressão é tirada da denominação da semana planetária dos pagãos. De fato, uma feliz intuição pastoral sugeriu à Igreja cristianizar essa praxe, aplicando ao domingo a conotação de “dia do sol”, expressão com a qual os romanos denominavam este dia e que ainda aparece em algumas línguas modernas. O uso que dela se faz no Novo Testamento (cf. 1Cor 16,1-2; At 20,7) demonstra que estamos diante de uma tentativa de cristianização de uma instituição pagã. Cristo ressuscitado é o sol da justiça que, ao se erguer, reveste com sua luz todo o mundo, tornando-se *lux mundi* e *lumen gentium*. Sobre a sua face resplandece em plenitude a luz do primeiro dia cósmico.

Dia de luz, o domingo poderia chamar-se, com referência ao Espírito Santo, dia do “fogo”. Ambas as imagens indicam o sentido do domingo cristão. No entardecer do dia de páscoa, Jesus soprou sobre eles e disse: “Recebei o Espírito Santo. Àqueles a quem perdoardes os pecados, ser-lhes-ão perdoados; àqueles a quem os retiverdes, ser-lhes-ão retidos” (Jo 20, 22-23). A efusão do Espírito foi o grande dom do Ressuscitado aos seus discípulos no domingo de páscoa. Era também domingo, quando, cinquenta dias após a ressurreição, o Espírito desceu como “vento impetuoso” e “fogo” (cf. At 2, 2-3) sobre os Apóstolos reunidos no cenáculo de Jerusalém. O Pentecostes não é só um acontecimento das origens, mas um mistério que deve animar permanentemente a Igreja. Há um tempo litúrgico específico para este acontecimento, que permanece também inscrito, por sua íntima relação com o mistério pascal, no sentido profundo de cada domingo. “A páscoa da Semana” é também “Pentecostes da semana”, no qual os cristãos revivem a experiência feliz do encontro dos apóstolos com o Ressuscitado, deixando-se vivificar pelo sopro do seu Espírito.

O domingo, enfim, justamente por ser “sacramento”, apresenta ainda outra dimensão, que é a escatológica: anuncia e antecipa a volta gloriosa do Ressuscitado, quando ele finalmente vier celebrar com os eleitos a páscoa eterna. Trata-se de uma esperança fundamentada no dom que os sinais litúrgico-sacramentais manifestam e comunicam. À medida que a comunidade cristã participa da celebração litúrgica dominical, já possui a vida eterna, embora ainda

em mistério, e vive a vida filial e bem-aventurada, sacramentalmente escondida, à espera de seu pleno desabrochar (cf. 1Jo 3,2).

O domingo, além de ser o primeiro dia, também é “o oitavo dia”, situado não só no início do tempo, mas também no seu fim, no “século futuro”. Basílio de Cesaréia expõe que o domingo significa o dia realmente único que virá após o tempo atual, o dia sem fim, que não conhecerá tarde nem manhã, o século imorredouro que não poderá envelhecer; o domingo é prenúncio incessante da vida sem fim, que reanima a esperança dos cristãos e os estimula em seu caminho. A celebração do domingo, dia simultaneamente “primeiro” e “oitavo”, orienta o cristão para a meta da vida eterna.

O domingo assume, desse modo, a tensão essencial a toda existência redimida, e dá à espiritualidade, que deve se fundamentar na liturgia, uma conotação própria. A vida cristã é chamada a se tornar um novo êxodo, um caminho pascal, um itinerário que, de domingo em domingo, vai em busca do “sentido último da humanidade e da história: receber em si o próprio Deus”⁵⁷. Ao mesmo tempo em que arranca da acomodação e põe sob o sinal da precariedade todas as ações humanas, a memória dominical do Senhor estimula os crentes a se empenharem com todas as forças para realizar o reino perfeito de justiça e de paz que se manifestou na pessoa e na obra pascal de Cristo, e que se realizará plenamente na sua última vinda no fim dos tempos. Justamente com base neste fundamento teológico-sacramental é que se baseia o aspecto do domingo como “dia de alegria e de descanso do trabalho”, o que equivale a dizer, dia de festa.

O domingo é, portanto, o dia da fé. Confirma esta denominação o fato de a liturgia dominical prever a profissão do símbolo. O “Credo”, recitado ou cantado, põe em relevo o caráter batismal e pascal do domingo, fazendo com que, neste dia, o batizado renove a própria adesão ao Evangelho de Jesus, numa consciência mais viva de seus compromissos batismais. Acolhendo a palavra e recebendo o corpo e sangue do Senhor, ele contempla Jesus ressuscitado, presente nos “sinais sagrados”, e confessa com o apóstolo Tomé: “Meu Senhor e meu Deus!” (Jo 20,28).

⁵⁷ MIRANDA, M. F. *A salvação de Jesus Cristo: a doutrina da graça*. São Paulo: Loyola, 2004, p. 65.

A assembleia litúrgica dominical é ordenada à celebração eucarística e constitui o primeiro sinal dela: a reunião do povo de Deus para o culto e a oração, enquanto expressa e realiza a comunhão com os irmãos na fé, já é significativa em si mesma e possui um valor pascal. A assembleia é, antes de tudo, uma passagem da divisão, operada pelo pecado, para a comunhão com Deus e com os irmãos. Isto resulta da ação misteriosa da misericórdia de Deus, e exige dos convidados docilidade à ação do Espírito e atitude de conversão contínua. Por conseguinte, toda assembleia dominical deve incluir gestos de perdão e reconciliação. Tal propósito deve consumir-se na caridade autêntica para com os irmãos: “Nós sabemos que passamos da morte para a vida, porque amamos os irmãos. Quem não ama, permanece na morte” (cf. 1Jo 3,14). Este amor é chamado, no domingo, a se “sacramentalizar”, tornando-se visível e operante em palavras e gestos de amizade e de fraternidade, de testemunho e de serviço, de participação e de partilha, sobretudo no contato com aqueles que não possuem este amor ou que o possuem em menor grau, tanto dentro quanto fora da assembleia. Somente nestas condições a convocação se transforma realmente em momento pascal. Cristo está presente quando a Igreja ora e salmodia, ele que prometeu: “onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, aí estou eu no meio deles” (cf. Mt 18,20).

O sinal da paz, colocado no rito romano antes do momento da comunhão eucarística, é um gesto deveras expressivo, que os fiéis são chamados a realizar como manifestação do consenso que o povo de Deus presta a tudo o que se realizou na celebração e do empenho de amor recíproco que se assume ao participar no único pão, lembrados da palavra de Cristo: “Se fores apresentar uma oferta no altar e ali te recordares de que teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa lá tua oferta diante do altar, e vai primeiro reconciliar-te com teu irmão; depois, volta para apresentares a tua oferta” (Mt 5,23-24).

A assembleia litúrgica cristã comemora as assembleias do povo de Deus do Antigo Testamento. As assembleias da antiga Aliança, como a reunião dos hebreus aos pés do Sinai após a libertação do Egito, foram tipo e figura da assembleia cristã. As assembleias cristãs se apresentam como o desdobramento das assembleias de Israel do Antigo Testamento. A dimensão demonstrativa justifica-se, uma vez que a assembleia litúrgica cristã não é mero símbolo da Igreja, mas sim sua verdadeira epifania, a principal manifestação da Igreja, que se

realiza na plena e ativa participação de todo o povo santo de Deus nas mesmas celebrações litúrgicas, sobretudo na mesma eucaristia, numa única oração, junto a um só altar, presidida pelo bispo, rodeado por seu presbitério e ministros.

O grande sinal que permite à comunidade dos crentes fazer a páscoa com Cristo é a eucaristia, memorial da sua morte e da sua ressurreição: sacramento de piedade, sinal de unidade, vínculo de caridade, banquete pascal. É na celebração eucarística que o domingo encontra o seu sentido pleno e toda a sua eficácia. Por este motivo, o domingo é o dia por excelência da eucaristia.

A promessa do Senhor: “Eu estarei sempre convosco até o fim do mundo” (Mt 28,20), é fonte de vida e de esperança para a sua Igreja, espalhada por toda a terra. Se o domingo é o dia da ressurreição, ele não se reduz a um acontecimento passado: é a celebração da presença viva do Ressuscitado no meio dos fiéis. Para que esta presença seja vivida adequadamente, não é suficiente que os discípulos de orem individualmente e recordem interiormente a morte e a ressurreição de Cristo. Os que receberam a graça do batismo não foram salvos somente individualmente, mas como membros de um corpo, passando a fazer parte do povo de Deus. Por isso é imprescindível a reunião dos fiéis, que exprime plenamente a identidade da Igreja, a *ekklesia*, assembleia reunida. Os batizados tornaram-se “um só” em Cristo (cf. Gl 3, 28), pelo dom do Espírito⁵⁸. Esta unidade manifesta-se exteriormente quando os cristãos se reúnem. Perpetua-se, assim, a imagem descrita por Lucas da primeira comunidade cristã, quando afirma que os discípulos “eram assíduos ao ensino dos apóstolos, à união fraterna, à fração do pão, e às orações” (At 2,42).

A dimensão eclesial da eucaristia realiza-se sempre que ela é celebrada, ainda que seja por um eremita em sua cela. A eucaristia nutre e plasma a Igreja: “Uma vez que há um só pão, nós, embora sendo muitos, formamos um só corpo, porque todos participamos de um mesmo pão” (1Cor 10,17). Esta realidade da vida eclesial realiza-se de forma específica no dia da ressurreição do Senhor. A celebração dominical do dia do Senhor e da eucaristia está no centro da vida da Igreja.

⁵⁸ “Vivemos mais pelo Senhor, quando nos deixamos encher de seu dinamismo que irrompe do Espírito, quando nos deixamos invadir pela sua riqueza, pela serenidade e confiança, pela sua união profunda com o Pai” (cf. BOFF, Lina. *Da esperança à vida plena: vivendo as realidades que entrevemos*. Juiz de Fora: Editar, 2010, p. 47).

Na missa dominical, os fiéis revivem a experiência dos Apóstolos na tarde de páscoa, quando, estando reunidos, o Ressuscitado lhes apareceu. (cf. Jo 20,19). Naquele pequeno grupo, primícias da Igreja, estava representado e presente o Povo de Deus das gerações seguintes, recebedor do dom da paz e da alegria, junto com o perdão dos pecados, concedidos pelo Redentor : “A paz esteja convosco!” Oito dias depois, Cristo reaparece aos apóstolos (cf. Jo 20,26), evidenciando o costume de a comunidade se reunir a cada oito dias, para professar a fé na ressurreição: “Bem-aventurados os que, sem ter visto, acreditam!” (Jo 20,29).

A íntima conexão entre a manifestação do Ressuscitado e a eucaristia fica ainda mais clara na narração dos discípulos de Emaús que, acompanhados do Cristo ressurrecto, tem-no como guia na compreensão das Escrituras, e reconhecem-no quando ele toma o pão, pronuncia a benção e parte (cf. Lc 24,30).

A eucaristia dominical, com a obrigação da presença comunitária e a solenidade que a caracteriza, manifesta com maior ênfase esta dimensão eclesial. Desta forma, o *dies Domini* é também *dies ecclesiae*. Nenhuma outra atividade paroquial é tão vital ou formativa para a comunidade quanto a celebração dominical da eucaristia no dia do Senhor. Desse modo, é oportuno que floresça o sentido da comunidade paroquial na celebração comunitária da missa dominical, já que a assembleia dominical é o lugar privilegiado de unidade que caracteriza profundamente a Igreja.

A referência à ressurreição de Cristo e o ritmo semanal desta solene memória ajudam a lembrar do caráter peregrino e a da dimensão escatológica do Povo de Deus. Domingo a domingo, semana após semana, a Igreja avança rumo ao último dia do Senhor, o domingo sem fim. A expectativa da vinda de Cristo está incluída no mistério da Igreja, mas é no domingo que se evoca com maior intensidade a glória futura do regresso do Ressuscitado. Sob este prisma o domingo, além de ser o dia da fé, é igualmente o dia da esperança cristã, pois a participação na “ceia do Senhor” é antecipação do banquete escatológico das “núpcias do Cordeiro” (cf. Ap 19,9). A Igreja, divina e humana, presente no mundo e voltada para as realidades eternas, manifesta com maior evidência seu caráter de sacramento, sinal, e instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o gênero humano.

Existe um paralelo entre o mistério da criação do mundo e a geração do verbo encarnado no seio da Virgem Maria, por um lado, e a re-criação e ressurreição por outro. Escondido no seio da terra, o Senhor vitorioso repousava, aguardando o momento da sua revelação. De modo análogo, sua entrada no mundo, demarcando a plenitude dos tempos, é como que precedida por um grande silêncio, que assinala um novo início para a humanidade, ou o princípio da última etapa da história humana. Esta, por sua vez, é destinada ao infinito, como recorda a arquitetura octogonal dos antigos batistérios⁵⁹, uma imagem da vida futura, colocando-se “fora” do ciclo semanal: embora seja celebrado no tempo, é um dia que pertence à eternidade.

Todo domingo é um memorial do acontecimento salvífico. O culto cristão é um pedido para que Deus se lembre de seus filhos (cf. Lc 1,54); para que também Cristo, junto do Pai interceda em nosso favor (cf. Hb 7,25); e uma anamnese do Espírito Santo, que nos recorda todas as coisas ditas pelo Senhor (cf. Jo 14,26). A Igreja, na festividade semanal do Ressuscitado, rememora os principais fatos da *historia salutis* que culminaram no mistério pascal.

A páscoa de Cristo, objeto da lembrança recíproca entre o Pai e seus filhos, ocorreu uma vez para sempre (*ephápax*) e foi aceita por Deus mediante a doação do Espírito a Jesus e sua comunidade (cf. At 2,32-33). A anamnese da assembleia reunida para o culto, seguindo o mandato do Senhor (cf. Lc 22,19; 1Cor 11,25), significa acolher esse acontecimento central e irrepetível “todas as vezes” (*hosákis*) em que se celebra a eucaristia (cf. 1Cor 11,26) ou qualquer outro sacramento ou sacramental.

Ao abordar o aspecto eclesiológico do domingo, é importante fazê-lo numa perspectiva pneumatológica: o domingo está para os outros dias assim como a alma para o corpo (o autor da “Carta a Diogneto” vai usar a mesma analogia ao falar dos cristãos no mundo).

A atuação do Santo Pneuma na assembleia reunida se dá pelo refrescar a memória dos atos salvíficos de Deus ao longo da história da salvação, criando uma afinidade entre a comunidade que celebra e os feitos divinos, evocados pela proclamação das Sagradas Escrituras. Os participantes do culto podem dizer-se “pneumatoamalgamados” e enriquecidos pelos dons divinos, crescendo nas

⁵⁹ RYAN, V. *O domingo: história, espiritualidade, celebração*. São Paulo: Paulus, 1997, p. 60.

virtudes teologais nas quais foram imersos no batismo, sendo nelas agora novamente mergulhados.

A eucaristia dominical é um sacramento do banquete eterno das núpcias do Cordeiro ao qual são convidados os fiéis. Dessa assembleia fazem parte não só os que peregrinam pelo “vale da aridez” (cf. Sl 84,6-7) rumo ao dia eterno, mas também os bem-aventurados e talvez até mesmo os condenados, numa espécie de “apokathastasis”, como chegaram a imaginar os medievais, pensando que no domingo haveria uma suspensão das penas até no inferno⁶⁰.

O domingo é como uma seta direcionada para a meta que é Cristo, o grande dia que não conhece ocaso. A história encontra-se grávida de Cristo, fecundada que foi pelo Espírito do Ressuscitado. É deveras tocante a poesia do texto pontifício, que vai da parturiente para a sepultura, retornando à maternidade para espalhar as sementes do Verbo por todo o orbe e em toda a amplitude do arco da história. Anunciando o futuro e ao mesmo tempo antecipando-o sacramentalmente, o domingo se propõe trazer a luz divina da eternidade para nossas trevas terrenais.

A perspectiva da eternidade é fundamental na vivência do dia do Senhor, ao mesmo tempo o primeiro e o oitavo dia, aquele que retoma o passado e antecipa o futuro. Os antigos diziam “finis coronat opus” (o fim é o coroamento da obra), evidenciando que a término do percurso dá sentido às etapas intermediárias. No caso do domingo, dia escatológico, é ele que dinamiza a vivência do tempo presente, situando-se no limiar da eternidade, fazendo da etapa “ainda não” cumprida, a chave de leitura do que “já” foi concluído. A espera pelo que virá é, ao mesmo tempo, uma volta às origens, às próprias raízes, descobrindo na celebração do dia do Senhor, pela escuta da palavra da ressurreição, o sentido da história⁶¹.

⁶⁰ BERGAMINI, A. *Cristo, festa da Igreja: história, teologia, espiritualidade e pastoral do ano litúrgico*. São Paulo: Paulinas, 1994, p. 121.

⁶¹ AUGÉ, M. *O domingo: festa primordial dos cristãos*. São Paulo: Ave-Maria, 1996, p. 64.

4.2

A palavra de Deus: memória atualizadora do mistério pascal

Uma das intuições mais felizes dos padres conciliares, por ocasião do Vaticano II, foi propor uma renovação litúrgica que partisse da valorização da palavra de Deus. Isto porque eles constataram o “exílio” da Palavra a que estavam submetidos grande parte dos católicos: a quantidade e a variedade de textos proclamados nas celebrações era mínima e cada vez mais incompreensível por conta do idioma. Quase se poderia dizer que os protestantes eram a “Igreja da Palavra” e os católicos a “Igreja do Sacramento”. Há que se notar também a falta de familiaridade dos católicos com a Escritura, que se tem buscado minorar, com relativo sucesso, nestes anos do Pós-Concílio.

O Concílio Vaticano II, especialmente nas Constituições “Sacrosanctum Concilium” (SC) e “Dei Verbum” (DV), esta última retomada pela Exortação “Verbum Domini” (VD), deu um grande impulso “à redescoberta da Palavra de Deus na vida da Igreja, à reflexão teológica sobre a Revelação divina e ao estudo da Sagrada Escritura” (VD 3).

Concílio Vaticano II explicita que a Sagrada Escritura é a Palavra de Deus enquanto é redigida sob a moção do Espírito Santo. É notório o sentido do adjetivo verbal *theopneustos*, o qual, na única vez em que aparece no Novo Testamento (2 Tm 3,16), é traduzido no sentido passivo, por “inspirada por Deus”. Contudo, há o sentido ativo da expressão, pois o Espírito Santo não cessa de inspirar a Palavra quando ela é proclamada na assembleia litúrgica. A Escritura, portanto, encontra no Espírito Santo a sua fonte (*Spiritus spirat*), mas também, sobretudo na liturgia, inspira e comunica Deus (*spirat Spiritum*).

A celebração litúrgica é a forma de culto na qual as Sagradas Escrituras constituem um elemento essencial, é o lugar privilegiado onde o texto escrito volta a ser palavra viva. Se por um lado a Sagrada Escritura é o *anúncio* perene do projeto divino de salvação, a liturgia é a sua *realização ritual*. Assim, a liturgia está para a Escritura, como a “realidade” de Cristo está para seu “anúncio”⁶².

O caráter pneumático das Sagradas Escrituras revela-se verdadeiramente melhor na liturgia. A palavra é como que a expressão “alada” do pensamento. A

⁶² MARSILI, S. *A Liturgia: momento histórico da salvação*. São Paulo: Paulinas, 1986, p. 123.

palavra, que é “do alto”, anuncia com clareza o que o elemento material significa de uma maneira sensível. O Espírito Santo é o agente que “recorda” o mistério de Cristo, não como um livro, mas na atualidade pessoal da palavra “viva”, como *tradição* (Jo 14,26; 16,13). O Paráclito realiza o mistério de Cristo no seu Corpo, a Igreja, não como um simples memorial, mas na atualidade sacramental deste Corpo ao mesmo tempo ressuscitado e presente no mundo, como *liturgia* (Lc 22,19s; 1Cor 11,24ss). Essa “re-presentação” da páscoa, tal qual na primeira Aliança, está ordenada à ação, à vida: a memória cristã consiste em “guardar os caminhos de YHWH”, em guardar o testamento do Senhor, isto é, em permanecer no seu *amor* (Jo 13,34; 15,10ss; 1Jo 3,24).

O primeiro grande pressuposto da relação que se estabelece entre palavra e liturgia, segundo a reflexão conciliar, é o paralelismo existencial estabelecido entre as duas grandes mesas, a mesa da palavra e a mesa da eucaristia, que se iluminam mutuamente (DV 21, retomado por VD 55 e 56), e são a fonte do alimento espiritual dos fiéis. A Igreja é a “casa da palavra”, posto que a celebração é o “locus” onde Deus fala a seus filhos. Sendo momento onde a palavra “de Deus” ocupa posição de destaque, não se deve substituí-la por outras fontes (cf. VD 52.69). A função da liturgia da palavra não se restringe apenas a recordar aos fiéis o que Deus fez por eles no passado, mas principalmente a proclamar tudo o que Deus realiza no hoje pelos seus que o esperam.

A palavra participa da *virtus* dos mistérios: “Há também alguma coisa de sacramento nas divinas Escrituras, onde o Espírito Santo realiza um efeito interior pela operação eficaz da palavra”, diz Pascásio Radberto em seu “*Liber de Corpore et Sanguine Domini*”⁶³. A palavra contém, portanto, uma presença divina, motivo pelo qual a *ecclesia* sempre se manteve de pé durante a leitura dos Evangelhos. Outros autores dos primeiros séculos, como Jerônimo, Proclo de Constantinopla e Leão Magno não temem colocar o mistério das Sagradas Escrituras, que atualizam os acontecimentos passados, ao lado do da santa eucaristia. O Vaticano II aconselhou, então, um maior uso da palavra de Deus na celebração dos sacramentos e da liturgia das horas, bem diferente daquilo que era a práxis pré-conciliar (SC 35.51; VD 61.62).

⁶³ CASEL, O. *O mistério do culto no cristianismo*. São Paulo: Loyola, 2009, p. 93.

A celebração do sacrifício da missa é envolta e interpretada pelo ofício divino cotidiano, assim como o mistério pascal envolve o ano litúrgico e é iluminado pelo *logos* dos textos sagrados. A ação de Cristo e da *ecclesia*, a fusão dos sentimentos, da ação de graças, do louvor e da oferenda formam juntos a eucaristia cristã: oração sacrificial e sacrifício de oração, centro e ponto culminante de todo culto cristão. Estes mistérios se apresentam de igual modo na liturgia das horas: o Antigo Testamento, no qual Deus conduzia seu povo à redenção e preparava a vinda do Salvador; a pessoa teândrica de Jesus Cristo, sua doutrina, sua paixão, sua morte, sua ressurreição, sua vida mística na Igreja; enfim, as paixões dos mártires e as glórias dos santos; a aplicação e a eficácia da obra redentora na vida da Igreja e de cada pessoa: tudo toma forma e revive na *opus dei*.

A palavra proclamada na celebração deve ser acolhida em atitude de oração, ela que convoca os filhos de Deus, fazendo-os crescer espiritualmente, formando o Corpo de Cristo (DV 26). Pode-se salientar a presença de Cristo na celebração por meio de alguns sinais como a procissão e incensação do Evangeliário e a importância dada ao ambão das leituras (VD 67.68). O rito não pode ser compreendido sem a palavra, por existir um nexó íntimo e profundo entre os dois (SC 24; DV 26). Podemos perceber que palavra e celebração existem uma para a outra, uma vez que existem com o mesmo fim que é o crescimento do povo de Deus. A palavra se faz celebração, e a celebração nada mais é do que a palavra atualizada e realizada. A palavra “prepara” a celebração dos sacramentos, enquanto a celebração “atualiza” a palavra de Deus. A seguinte “estorinha” ilustra bem esta relação de dependência intrínseca:

Se em um ato impossível Deus nos dissesse: ‘Devo tirar de você um de meus grandes dons fundamentais, a eucaristia ou os santos evangelhos’, deveríamos dizer-lhe: ‘Senhor, em qualquer caso, não nos tires os santos evangelhos’, porque sem os evangelhos careceríamos inclusive do conhecimento de Jesus e sua presença não conseguiria reparar essa perda, porque de nada serviria ter conosco Jesus se não pudéssemos conhecê-lo⁶⁴.

A ação litúrgica costuma começar, depois de um início introdutório mais ou menos extenso, com uma ou várias leituras. Essa espécie de lei ou constante não é um fato casual, mas o resultado do caráter dialogal da liturgia, bem como da

⁶⁴ CASTELLANO, J. *Liturgia e vida espiritual: teologia, celebração, experiência*. São Paulo: Paulinas, 2008, p. 291.

prioridade que a iniciativa divina tem nesse diálogo constitutivo da fé e da história santa.

A comunidade se reúne, isto é, se une de modo reiterado e reflexo, porque é chamada a essa união comunitária, porque é con-vocada através da palavra de Deus. Toda assembleia festiva é, como já dissemos, “qahal”, “ekklesia”, ou seja, a convocada; é o conjunto de fiéis agrupados pela convocação do chamado divino. É a atualização das grandes assembleias do deserto (do êxodo, do Sinai, enfim, da história de Israel), centradas na palavra (cf. Ex 19; 2Rs 23; Ne 9).

Tal é o significado da leitura bíblica numa celebração, que explica a sua colocação no começo da festa. Graças a essa estrutura, aparece com toda nitidez o fato de a festa cristã ser uma festa evangélica, uma celebração evangélica. Inspira-se no espírito do evangelho, que é o ponto culminante da palavra e da revelação divinas. Assim é afugentado todo possível desvio alienante, todo falso magicismo e falso misticismo, todo entusiasmo contrário ao “Pneûma” de Jesus. Mais ainda, assim se reatualiza o mistério da conversão.

O Vaticano II fundamenta essa primazia da Palavra dentro da celebração não apenas no motivo eclesiológico da Igreja como assembleia convocada, como também no motivo cristológico, formulado da seguinte forma: “Cristo está presente em sua palavra. É ele quem fala quando se leem as Sagradas Escrituras na Igreja” (SC 7 e 23).

A leitura é um sinal da presença de Cristo na assembleia. A Palavra tem um caráter verdadeiramente sacramental. Por meio dela, põe-se em ação esse dinamismo, essa eficácia que à palavra de Deus se atribuem pela tradição bíblica e que a palavra de Cristo, como palavra do Filho de Deus enviado pelo Pai na plenitude dos tempos, possui: “Como a chuva e a neve descem do céu e para lá não voltam, sem terem regado a terra, tornando-a fecunda e fazendo-a germinar, dando semente ao semeador e pão ao que come, tal ocorre com a palavra que sai da minha boca: ela não torna a mim sem fruto; antes, ela cumpre a minha vontade e assegura o êxito da missão para a qual a enviei” (Is 55,10-11).

Quando se anuncia ou acolhe a palavra na ação litúrgica, deve-se fazê-lo com uma profunda fé em sua força. Deus diz que se faça a luz e a luz se faz (cf. Gn 1,3-5). A sua palavra nunca é mera palavra vazia, oca, que o vento leva, como ocorre tantas vezes com a palavra do homem; é sim fato, acontecimento, como o

indica o termo hebraico *dabar*, é, de maneira mais concreta, sabedoria, revelação, amor, escolha, Aliança.

Deve-se reconhecer que a evolução histórica foi empobrecendo e reduzindo à sua mínima expressão essa abundância e variedade de leituras. Influuiu nisso, entre outras causas, o princípio rígido e inflexível mantido na Igreja romana de não traduzir os textos litúrgicos na língua do povo. Assim, o povo foi se desinteressando das leituras e prescindindo delas.

A reforma conciliar do Vaticano II quis devolver à comunidade cristã a vivência da revelação bíblica e o florescimento das leituras que constatamos nos primeiros séculos da liturgia da Igreja. Mas o Concílio quis mostrar não apenas a riqueza como também a unidade de toda a Bíblia, bem como esse dinamismo progressivo que vai apontando com cada vez mais nitidez para a manifestação de Cristo; ou seja, o sentido cristocêntrico tão importante para os Padres.

Essa estrutura que os padres denominam tipológica constitui hoje, mais uma vez, o nexu interno das várias leituras, patenteando a sua infraestrutura que a palavra de Deus não se deixou ouvir gradualmente por meio de uma justaposição aditiva ou de uma soma exterior de verdades que vão do simples para o complexo, do elementar-concreto ao abstrato-geral. O desenvolvimento da revelação bíblica aparece - e isso procura evidenciar a organização da liturgia da palavra - como o de um tema, ou melhor, de um ato central que se enriquece a si mesmo ao revestir-se aos poucos de novas harmônicas, até invadir o nosso universo mental e existencial.

A palavra de Deus não progride no sentido da complexificação múltipla de afirmações cada vez mais diversas e sutis, mas no da unidade que descobre uma única personalidade divina, assim como um único desígnio divino que gira em torno da comunhão entre Deus e a humanidade.

O que se deve buscar na organização da liturgia da palavra não é uma sucessão de conceitos sempre novos, mas o aprofundamento de verdades bem simples e de dados bem elementares, mas densos e ricos. O que nos permite penetrar na compreensão das Escrituras é o acesso à contemplação do grande desígnio salvífico-libertador que delas emana e do único, cujo rosto elas refletem.

Na assembleia dominical, assim como em toda celebração eucarística, o encontro com o Ressuscitado dá-se pela participação na mesa da Palavra e do Pão.

A primeira continua a dar a compreensão da história da salvação e do mistério pascal que o próprio Jesus ressuscitado apresentou aos discípulos: é Ele que fala, presente como está na sua palavra, ao ser lida na Igreja a Sagrada Escritura. Na segunda mesa, atualiza-se a presença real, substancial e constante do Senhor ressuscitado, pelo memorial de sua paixão e ressurreição, e oferecendo-se aquele pão da vida que é penhor da glória futura.

A homilia, que faz parte da liturgia da palavra, constitui uma explicação e atualização da mensagem da escritura para a vida dos fiéis. A proclamação litúrgica da Palavra de Deus, sobretudo na assembleia eucarística, não é tanto um momento de meditação e catequese, mas sobretudo o diálogo de Deus com o seu povo. De fato, através de sua Palavra, Deus invisível, no seu grande amor, fala aos homens como a amigos, entrem-se com eles para convidá-los e admití-los à comunhão consigo. Esta comunhão é, com frequência, comparada pelos Padres a uma alimentação, análoga à do corpo de Cristo na eucaristia.

Acolher a Palavra anunciada e celebrada em uma assembleia cultural e a ela obedecer redundam em passagem das trevas para a luz, da escravidão para a liberdade, da morte para a vida. “Em verdade, em verdade, vos digo: quem escuta a minha palavra e crê... tem a vida eterna e não vem a julgamento, mas passou da morte para a vida” (Jo 5,24). O povo, por sua parte, é chamado a corresponder, por uma contínua conversão e renovação interior das promessas do batismo, implícitas na recitação do credo.

Estes ordenamentos conciliares objetivam despertar nos fiéis a fome da palavra de Deus (cf. Am 8,11), fato que pode ser constatado pela atividade pastorais passados quarenta anos do Concílio Vaticano II. A proclamação da Escritura na língua da comunidade contribuiu para aumentar o conhecimento e o amor do povo de Deus pela Palavra.

4.3

O memorial na assembleia e na vida dos fiéis

Como o mistério de Cristo é um só, a vida daquele que participa de seus sacramentos é, por essência, mística, uma vez que, no culto, ele é levado a beber na pura fonte do Espírito, “Pai dos pobres”, que jorrará perpetuamente de seu coração de discípulo, como caridade que constrói o Reino.

A vocação cristã traz em seu núcleo mais profundo a preocupação com as questões sociais próprias de cada ambiente, como a busca por condições de vida mais dignas, a justiça e a liberdade, ao mesmo tempo em que o anúncio do Reino de Deus se vê interpelado com frequência pela mudança de época que caracteriza a modernidade. A liturgia, enquanto atualização do mistério pascal de Jesus Cristo nos sinais sacramentais, não pode fugir dos questionamentos atuais, mas volta-se para o mundo como sinal e convite à mudança de vida, contribuindo com um novo olhar para a realidade.

A vida do fiel é um caminho de progressiva configuração a Cristo, sendo plasmado, por seu Espírito, na Igreja, comunidade de discípulos, para perceber e realizar o desígnio de Deus para o mundo. Este processo se dá pelo contato com o evento pascal de Cristo, realizado através dos sinais constitutivos das celebrações rituais, que são como fontes inesgotáveis para experimentar a salvação levada a efeito por Jesus de Nazaré. Os sinais sacramentais, portanto, atravessam tempo e espaço até nossos dias, sendo meios necessários para que os cristãos vivam sua vocação.

A ação ritual na Nova Aliança⁶⁵, memorial de Cristo, realiza a admissão dos fiéis ao mistério de Cristo, de modo que “conheçam o dom de Deus” e recebam dele a água viva (cf. Jo 4,10-14). O culto se constitui das ações dos fiéis onde exprimem sua ligação com Cristo e, transfigurados por seu Espírito, fazem de sua vida um sacrifício de louvor agradável a Deus. Isto se realiza quando a pessoa se deixa “possuir” por Deus, que é Espírito (Santo) e Verdade (Cristo), na humanidade do Salvador, onde, por obra do Divino Paráclito, o crente se apropria da redenção.

De acordo com a Primeira Carta de São Pedro, os cristãos são um povo sacerdotal, chamado a oferecer sacrifícios a Deus por meio de Seu Filho, proclamando a obra divina que os fez passar das trevas à luz (cf. 1Pd 2,5-9). Dedicando-se inteiramente a Deus, suas boas obras são um testemunho da fé que professam (cf. 1Pd 2,12). O sacrifício espiritual que eles oferecem atesta que são imitadores de Cristo, que se entregou, livre e amorosamente, pelos pecados do mundo (cf. 1Pd 2,22-25).

⁶⁵ AUGÉ, M. *Espiritualidade litúrgica: ofereci vossos corpos em sacrifício vivo, santo, agradável a Deus*. São Paulo: Ave-Maria, 2002, p. 31.

A autodoação da integralidade da pessoa, em sua dimensão corporal, histórica e relacional, é o que torna o cristão sacerdote e vítima (cf. Rm 12,1), quando busca romper definitivamente com o pecado para fazer o bem (cf. Rm 6,12s). Este culto espiritual (*logike latreia*) nada tem de espiritualista ou animalesco, mas é “pneumático”, isto é, realizado “no Espírito” (cf. Fl 3,3).

A assembleia é o “lugar onde o Espírito floresce”, segundo a bonita expressão de Hipólito de Roma (Tradição Apostólica 82,10; 88,17), configurando-se em novo templo onde Deus é glorificado (cf. 1Cor 3,16; 6,19). Toda a vida do cristão é liturgia, desde o acolhimento da graça na fé e na caridade, até a resposta do perdão ao semelhante e da reconciliação com o Pai no Espírito, construindo fraternidade pelo serviço mútuo, para poder celebrar dignamente os sagrados mistérios.

A assembleia, convocada pela unidade da Trindade, é a comunidade dos que creem na Ressurreição⁶⁶. Ela se torna mais “si mesma” quando se reúne para celebrar a memória do Senhor, como ele mesmo instituiu no sacramento da Eucaristia, que torna presente a “hora” da salvação, impelindo ao futuro na fidelidade criativa do Espírito.

Ao expressar a solidariedade de Cristo com os pobres, ele mesmo “o Pobre” por excelência, a comunidade eclesial é sinal do Espírito do Ressuscitado e continuadora da obra redentora de Jesus em seus discípulos-missionários, podendo assim construir a comunhão local, fundamento da comunhão maior entre as igrejas.

A Igreja é, também, comunidade escatológica, que antecipa a comunhão futura da humanidade, em meio a disputas e divisões. As perseguições contra a Igreja, nesse ambiente conflituoso, acabam por confirmar sua fidelidade ao fundador, o Pastor que é também Cordeiro, imolado, mas vitorioso.

A realização do culto como memorial toca os membros da assembleia celebrante por causa de sua eficácia divina. Este acontecimento lança para frente, para interpretar e viver o evangelho hoje, de acordo com o modelo que é sempre o Cristo. O memorial tem, portanto, uma dimensão profética de cumprimento de uma tarefa histórica, assumindo a responsabilidade por isso, sem querer,

⁶⁶ TABORDA, F. op. cit., p. 251.

evidentemente, instrumentalizar o projeto divino revelado, colocando-o a serviço de algum projeto ou ideologia meramente humana.

O papel profético da celebração possuirá, como uma de suas características principais, uma opção radical pelo projeto de Deus, que não se deixa manipular, como exposto logo acima. Esta opção se faz pelo discernimento, fortalecendo as convicções religiosas do sujeito celebrante. Também se espera do apóstolo de Cristo que cresça em sua audaz e corajosa franqueza, por mais hostis que sejam as circunstâncias.

A promessa de Jesus, de estar presente na Igreja (Mt 28,20), realiza-se pelo seguimento, pela fidelidade à Palavra, da qual ela é serva, e pela celebração dos sacramentos. A Igreja é, então, mediadora de uma presença que a transcende, mas que é anterior a ela, verificando-se no pobre (cf. Mt 25,40), que na verdade autentica as outras presenças. Assumindo radicalmente a natureza humana, o Filho de Deus revela-se no mais profundo de nossa miséria, e é aí que Ele nos une em compaixão a todos os “pobres segundo o Espírito” (cf. Mt 5,3)⁶⁷. Conhecendo esta compaixão, que é a liturgia dos pobres, podemos dar livremente nosso “sim” ao amor que nos recria, não sem sofrimento, no perdão.

Enquanto na eucaristia se recebe o dom divino, no altar dos pobres os discípulos e discípulas são chamados a corresponder, repartindo o dom recebido, dando-se a si mesmos e entrando em comunhão com os demais. A dimensão escatológica, tipicamente anamnética e litúrgica, também está presente: a definitividade do Reino é sempre recordada, enquanto as outras realidades passam. Essa constatação, ao invés de alienar, direciona ao comprometermos na ação social, celebrando e agindo na esperança, na fé e no amor a Deus e aos irmãos. A celebração, na verdade, constitui o ápice do compromisso: a existência inteira do discípulo deve tornar-se oferta agradável a Deus, o que se concretiza de modo eminente no culto. Sem este momento de recapitulação litúrgica, os dogmas também correriam o risco de ser instrumentalizados.

A vida de cada discípulo, ofertada no seguimento de Cristo, torna-se “culto espiritual” (cf. Rm 12,1) aceito por Deus, na solidariedade com os que sofrem, seja pela carência material ou pela ausência do Evangelho, a pobreza mais cruel, de consequências terríveis e difíceis de diagnosticar porque se disfarça em

⁶⁷ CORBON, J. *A fonte da liturgia*. Lisboa: Paulinas, 1999, p. 188.

saciedade e autossuficiência. Cada pessoa que livremente se solidariza com os pobres identifica-se com Jesus, agradando a Deus no sacrifício da beneficência e da comunhão (cf. Hb 13,16), assim como os mártires, que guardando a fé em Cristo, generosamente associam sua vontade à de Deus, oferecendo-se pelos irmãos, nascendo para a vida eterna quando aceitam a morte neste mundo.

Mergulhado no Mistério Pascal de Cristo pelo batismo, o cristão renasce para uma vida nova, transfigurando seu cotidiano. Sua natureza débil, ainda sujeita a fraquejamentos e incoerências, se fortalece na mesa eucarística, crescendo em união com o Salvador. Ao imenso dom da graça de Deus, responde com a oferta da própria vida ao Pai, por Cristo, no Espírito, pois tornado outro Cristo pelo sacramento, tende a ele, modelo para todo ser humano (cf. GS 22), pela imitação. O evento litúrgico, assim, realiza-se plenamente na existência concreta, tornando-se experiência cristã no Espírito.

Podemos assim sintetizar o exposto afirmando que a liturgia realiza a salvação integral do homem rerepresentando sacramentalmente o seu cumprimento no mistério pascal de Cristo, enquanto o compromisso se propõe a intervir nas situações com base nos valores da fé. Não é difícil perceber a diversidade de método de ação: a celebração opera por via simbólico-sacramental; o compromisso age diretamente, nas coisas mesmas. O culto re-presentifica o plano salvífico de Deus como evento decisivo para o mundo, enquanto norma propulsora; o compromisso oferece ao culto a história concreta como motivo de agradecimento, intercessão e oferenda.

Da liturgia, essencialmente da eucaristia, deriva para nós toda graça de santificação e de ação que nos permite realizar, de forma sobrenatural, as outras ações; além disso, o compromisso cristão em todos os campos da vida é exigido de todo aquele que participa na liturgia, como consequência e demonstração do amor efetivo de Deus.

Uma intensa vida espiritual de recolhimento, meditação, orientação, ascese, caridade, também fora dos momentos nos quais se participa na liturgia, é sempre muito mais indispensável quanto, sobretudo, é estritamente exigida pela mesma liturgia como preparação para vivê-la plenamente e como testemunho de tê-la vivido autenticamente⁶⁸.

⁶⁸ FLORES, J. J. *Introdução à teologia litúrgica*. São Paulo: Paulinas, 2008, p. 320.

O sentido da festa cristã é fazer memória da páscoa de Jesus, na perspectiva profético-escatológica da renovação do mundo. Tal comemoração torna-se o símbolo celebrativo da libertação integral, posto que uma nova relação com Deus se instaura, convidando também a um novo olhar para seus semelhantes e o mundo, com o intuito de transformá-lo. A celebração festiva (sobretudo a eucaristia, que é ação de graças) é então um indício da libertação já presente a modo de sacramento, e um imperativo para o compromisso da promoção humana⁶⁹.

Celebrar a eucaristia é querer viver em perene ação de graças a Deus por seu Reino, que é construído quando sua vontade é realizada. Essa vontade passa pela promoção da vida em todas as suas dimensões, o que implica o reconhecimento do outro como irmão, e não como adversário ou rival, como sujeito de direitos e não só de obrigações. A atitude oposta à ação de graças seria a de não reconhecer a Deus como doador de todas as coisas, tomando posse delas, acumulando além do necessário, em detrimento dos demais. É a construção de uma falsa segurança e uma idolatria do dinheiro, do poder e da opressão, sem se dar conta de que todo ídolo é homicida e se mantém a custa de vidas sacrificadas, não pela redenção, mas pela mera satisfação de desejos narcisistas.

Para que esta ação de graças seja levada a bom termo, faz-se necessária uma *kenosis*, isto é, uma atitude concreta de esvaziamento de si mesmo, análoga àquela do Cristo Jesus, que “humilhou-se, fazendo-se obediente até a morte de cruz” (cf. Fl 2,8). Quando se reconhece que a única dependência admissível é em relação a Deus, único absoluto, origem e Senhor de tudo e todos, passa-se a viver em verdadeira solidariedade com todos, especialmente os pobres. A eucaristia-ação de graças assim restaura a justiça nas relações vitais, propiciando a reconciliação entre oprimidos e opressores, que voltam a ser irmãos, partilhando necessidades e esperanças.

No mistério de Cristo, como na vida de seus discípulos e na liturgia da Igreja, estão sempre presentes a cruz e a ressurreição: os sinais de morte das estruturas de pecado e idolatria estão entremeados com os frutos do Espírito do Ressuscitado. É uma exigência irrenunciável da fé integrar essas realidades,

⁶⁹ PISTOIA, A. “Compromisso”, in SARTORE, D., TRIACCA, A. M. (orgs.). op. cit., p. 196.

independentemente da condição social e da vocação específica na comunidade, ou então estaria presente um cristianismo pela metade.

A assembleia reunida para o culto é sinal do advento da libertação e que contém em si o envio para a missão: a comunidade não pode fechar-se em si mesma, mas deve ser o espaço de liberdade, onde sempre são acolhidos os que desejam igualmente peregrinar por este caminho. Nesta assembleia é proclamada e atualizada a palavra, existindo momentos privilegiados durante o ano (advento, quaresma, páscoa) em que o anúncio da libertação e dos novos tempos contém os mais ricos apelos à responsabilidade do cristão no mundo. A palavra de Deus ouvida se torna resposta do homem no canto e na oração, nas suas diversas modalidades: intercessão ou súplica; louvor, ação de graças ou bênção.

A Palavra se transformará em realidade salvífica para os homens sempre que estes, aproximando-se de Cristo pelo anúncio do acontecimento da salvação, tentem inserir-se nela, realizando neles mesmos o acontecimento que é a liturgia (cf. SC 6). Celebração, interiorização e compromisso são dimensões da liturgia que não se improvisam, mas requerem um caminho de experiência, que deve ser exercida e animada no próprio culto. O itinerário a seguir é o do contato entre celebração e experiência cristã, onde esta serve de contexto àquela e lhe garante vitalidade.

5 Conclusão

Segundo a concepção judaica, o tempo, “matéria” dos atos sacramentais que transmitem a salvação, é uma sucessão de eventos que tiveram sua origem no próprio Deus. Dessa relação com Deus surge o dever de santificar o tempo, comemorando alguns eventos da história da redenção como dias “que o Senhor fez” (cf. Sl 118,24), que passam a ter uma qualidade diferente dos outros dias.

A celebração das festas traz à tona a realidade comemorada. Seja a comemoração semanal do sábado como das demais solenidades, por esse momento cultural Israel entra no repouso divino, uma realidade ontologicamente diferente, não só psicologicamente falando, mas na realidade objetiva daquilo que está sendo comemorado, possibilitando que o fiel realmente participe do evento recordado.

A história não é só um conjunto de eventos, mas o cenário da atividade divina, que tem uma finalidade, um propósito, e não alguns fatos ao acaso, explicados por processos de causa e efeito, numa concorrência de fatores geográficos, pessoais e sociais. São narrados poeticamente, num ambiente cultural de fé, orientados da protologia à escatologia. O homem participa ativamente como instrumento de Deus na história, cenário da revelação de Deus, composta de atos relevantes.

Deus funda a comunidade por meio destes eventos, que não desaparecem, perdendo-se no passado, mas são sempre atuais para cada geração que se mantém fiel, no momento da assembleia festiva, congregada para a proclamação ritual da palavra inspirada. Ela é conduzida para a situação histórica que a festa comemora.

A representação cúlrica dos eventos fundantes na história de Israel é ao mesmo tempo subjetiva e objetiva. Subjetivamente ela produz a experiência dos eventos salvíficos em nível pessoal; objetivamente eles são apresentados a Deus, tornando-se uma realidade viva e presente.

Por vezes a mentalidade humana, tão preocupada em ocupar espaços para controlar e marcar sua presença face a outros indivíduos, tenta aprisionar Deus nessa realidade, como se ele fosse um seu oponente. Ele se esquece que YHWH se manifesta no tempo, não estando ligado a espaços geográficos limitados.

Bem ao contrário, o Deus revelado quer ser parceiro da criatura humana, fazendo-se pequeno e chegando mesmo a se submeter aos caprichos de seus filhos. Isso porque, segundo algumas concepções teológicas contemporâneas, a criação não se configura como uma obra fixa e acabada, mas é um processo dinâmico em constante desenvolvimento.

Quando se afasta da teologia do memorial, o culto, e conseqüentemente a espiritualidade cristã cria um ídolo que, como os demais, não gera a vida, mas provoca a morte. Pela celebração memorial, todavia, são recordadas as ações divinas e Deus tem a “permissão” para continuar atuando na história humana.

6

Referências bibliográficas

- ADAM, A. *O ano litúrgico*. São Paulo: Paulinas, 1983.
- ALDAZÁBAL, J. *A eucaristia*. Petrópolis: Vozes, 2009.
- ANTÓN, A. “Revelación y tradición en la Iglesia: “Gesta et verba” sus elementos constitutivos”, in *Estudios Eclesiásticos* 43 (1968), pp. 225-258.
- AUGÉ, M. *Espiritualidade litúrgica: ofereci vossos corpos em sacrifício vivo, santo, agradável a Deus*. São Paulo: Ave-Maria, 2002.
- _____. *Liturgia: história, celebração, teologia, espiritualidade*. São Paulo: Ave-Maria, 2007.
- _____. *O domingo: festa primordial dos cristãos*. São Paulo: Ave-Maria, 1996.
- BARSOTTI, D. *Liturgia e teologia*. Milano: Corsia Dei Servi, 1956.
- BECKHAUSER, A. *Celebrar a vida*. Petrópolis: Vozes, 1988.
- BENOIT, P. “Eucaristia”, in LÉON-DUFOUR, X. (org.). *Vocabulário de teologia bíblica*. Petrópolis: Vozes, 1999, pp. 312-318.
- BENTO XVI. *Exortação apostólica pós-sinodal “Verbum Domini” sobre a palavra de Deus na vida e na missão da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 2010.
- BERGAMINI, A. *Cristo, festa da Igreja: história, teologia, espiritualidade e pastoral do ano litúrgico*. São Paulo: Paulinas, 1994.
- BERNAL, J. M. “Ano litúrgico”, in FLORISTÁN SAMANES, C., TAMAYO-ACOSTA, J. J. (orgs.). *Dicionário de conceitos fundamentais do cristianismo*. São Paulo: Paulus, 1999, pp. 10-16.
- BETZ, J. “Eucaristia: mistério central”, in FEINER, J., LOEHRER, M. (orgs.). *Mysterium Salutis IV/5*. Petrópolis: Vozes, 1977, pp. 88-102.
- BIANCHI, E. *Dar sentido ao tempo: as grandes festas cristãs*. São Paulo: Loyola, 2007.
- BIAZI, A. *L’eucaristia: rito e catechesi*. Milano: O.R., 1991.
- BOFF, L. *Os sacramentos da vida e a vida dos sacramentos*. Petrópolis: Vozes, 1982.
- BOFF, Lina. *Da esperança à vida plena: vivendo as realidades que entrevemos*. Juiz de Fora: Editar, 2010.
- BOISMARD, M. E. “Cordeiro de Deus”, in LÉON-DUFOUR, X. (org.). *Vocabulário de teologia bíblica*. Petrópolis: Vozes, 1999, pp. 177-179.
- BONNARD, P. E. “Páscoa”, in , X. (org.). *Vocabulário de teologia bíblica*. Petrópolis: Vozes, 1999, pp. 718-723.
- BORGEAIS, H. “O teor dogmático dos sacramentos”, in SESBOUE, B. *História dos dogmas III*. São Paulo: Loyola, 2005, pp. 257-283.

- BOROBIO, D. *Celebrar para viver: liturgia e sacramentos da Igreja*. São Paulo, Loyola, 2009.
- BORRIELLO, L. "L'itinerario spirituale del cristiano: tra mistagogia e mistica", in *Angelicum* 62 (1985), pp. 282-305.
- BORTOLINI, J. *Os sacramentos em sua vida*. São Paulo: Paulinas, 1983.
- BOTTE, B. *O movimento litúrgico*, São Paulo: Paulinas, 1978.
- BOUYER, L. *Eucaristia: teologia e spiritualità della preghiera eucaristica*. Torino: Elle di ci, 1992.
- BRANDOLINI et alii. *Liturgia: fonte e culmina. A quarent'anni della Costituzione sulla la liturgia*. Roma: Edizione Liturgiche, 2003.
- CAMPS, J. "A palavra de Deus é celebrada", in ALDAZÁBAL, J., ROCA, J. (orgs). *A arte da homilia*. Prior Velho: Paulinas, 2006, pp. 19-24.
- CANTALAMESSA, R. *La pasqua nella chiesa antica*. Torino: Società Editrice Internazionale, 1978.
- CASEL, O. *O mistério do culto no cristianismo*. São Paulo: Loyola, 2009.
- CASTELLANO, J. *El año liturgico: memorial de Cristo y mistagogia de La Iglesia*. Barcelona: Centre de Pastoral Liturgica, 1996.
- _____. *Liturgia e vida espiritual: teologia, celebração, experiência*. São Paulo: Paulinas, 2008.
- CASTILLO, J. M. "Eucaristia", in FLORISTÁN SAMANES, C., TAMAYO-ACOSTA, J. J. (orgs.). *Dicionário de conceitos fundamentais do cristianismo*. São Paulo: Paulus, 1999, pp. 252-259.
- CHAUVET, L. M. *Simbolo e sacramento: una lettura sacramentale dell'esistenza cristiana*. Torino: Elle di Ci, 1990.
- CODA, P. *Evento pasquale: Trinità e storia*. Roma: Città Nuova, 1984.
- CODINA, V., IRARRAZAVAL, D. *Sacramentos de iniciação*. Petrópolis: Vozes, 1991.
- COLONNA, C. *Il carisma della domenica*. Roma: Dehoniane, 1992.
- CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Constituição "Sacrosanctum Concilium" sobre a sagrada liturgia*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- _____. *Constituição Dogmática "Dei Verbum" sobre a revelação divina*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- CONGAR, Y. M. J. *A palavra e o espírito*. São Paulo: Loyola, 1989.
- CORBON, J. *A fonte da liturgia*. Lisboa: Paulinas, 1999.
- _____. "Memória", in LÉON-DUFOUR, X. (org.). *Vocabulário de teologia bíblica*. Petrópolis: Vozes, 1999, pp. 571-573.
- CUVA, A., *Vita nello Spirito e celebrazione eucaristica*. Vaticano: Editrice Vaticana, 1994.
- DANIÉLOU, J. *Bíblia e liturgia: a teologia bíblica dos sacramentos e das festas nos padres da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 2013.

- DE ZAN, R. (org.). *Dove rinasce la parola: bibbia e liturgia*. Vol. III. Padova: Edizioni Messaggero Padova, 1993.
- DE VAUX, R. *Instituições de Israel no Antigo Testamento*. São Paulo: Paulus, 2003.
- DEISS, L. *A ceia do Senhor*. São Paulo: Paulinas, 1985.
- DI SANTE, C. *Liturgia judaica: fontes, estrutura, orações e festas*. São Paulo: Paulus, 2005.
- DONGHI, A. *A paz esteja convosco: domingo, dia do Senhor*. São Paulo: Loyola, 2008.
- _____. *La spiritualità della celebrazione eucaristica*. Milano: O. R., 1998.
- DORÉ, J. (org.) *Sacramentos de Jesus Cristo*. São Paulo: Loyola, 1989.
- DUCHESNEAU, C. *A celebração na vida cristã*. São Paulo: Paulinas, 1977.
- DUFRESNE, P. *Liturgia da Igreja doméstica*. São Paulo: Paulinas, 1976.
- DURRWELL, F. X. *Lo Spirito Santo alla luce del mistero pasquale*. Roma: Paoline, 1985.
- FALSINI, R. *L'Assemblea eucaristica: cuore della domenica*. Milano: Ancora, 2004.
- FARNÉS, P. *A mesa da palavra II*. São Paulo, Paulinas, 2007.
- FERLAY, P. *Jesus nossa Páscoa: teologia do mistério pascal*. São Paulo: Paulinas, 1978.
- FERNANDEZ, P. "O culto em espírito e em verdade", in BOROBIO, D. (org.). *A Celebração na Igreja I*. São Paulo: Loyola, 1993, pp. 252-267.
- FERRARO, G. *Lo Spirito Santo nella liturgia dei sacramenti*. Roma: Apostolato della Preghiera, 1983.
- FLORES, J. J. *Introdução à teologia litúrgica*. São Paulo: Paulinas, 2008.
- FONTBONA, J. *La cena Del Señor: mistero de comunión*. Barcelona: Centre de Pastoral Litúrgica, 2007.
- FORTE, B. et alii. *Salvezza e celebrazione. "Il Verbo si è fatto carne"*. Roma: Edizione Liturgiche, 2000.
- FOUREZ, G. *Os sacramentos celebram a vida*. Petrópolis: Vozes, 1984.
- FRANQUEZA, A. "O testemunho litúrgico nas Atas dos mártires", in *Liturgia e vida*, n.197 (1986), pp. 5-18.
- FUGLISTER, N. *Il valore salvifico della pasqua*. Brescia: Paideia, 1976.
- GALOPIN, P. M. "Refeição", in LÉON-DUFOUR, X. (org.). *Vocabulário de teologia bíblica*. Petrópolis: Vozes, 1999, pp. 862-864.
- GANOCZY, A. *Os sacramentos*. São Paulo, Loyola, 1988.
- GARCÍA, A. F. *La teologia sacramental desde la perspectiva simbólica*. Barcelona: Centre de Pastoral Litúrgica, 2004.

GARIJO GUEMBE, M. M. “Epiclesis y eucaristía”, in SILANES, N. et alli. *Eucaristía y Trinidad*. Salamanca: Secretariado Trinitario, 1990, pp. 115-147.

GELINEAU, J. *O amanhã da liturgia*. São Paulo: Paulinas, 1977.

GESTEIRA, M. “Memorial eucarístico. Rememoración y presencia de Cristo”, in SILANES, N. et alli. *Eucaristía y Trinidad*. Salamanca: Secretariado Trinitario, 1990, pp. 44-113.

GIBLET, J., GRELOT, P. “Aliança”, in LÉON-DUFOUR, X. (org.). *Vocabulário de teologia bíblica*. Petrópolis: Vozes, 1999, pp. 25-33.

GIRAUDO, C. *Num só corpo: tratado mistagógico sobre a eucaristia*. São Paulo: Loyola, 2003.

GUILLET, J. “Bênção”, in LÉON-DUFOUR, X. (org.). *Vocabulário de teologia bíblica*. Petrópolis: Vozes, 1999, pp. 103-109.

_____. *De Jesus aos sacramentos*. São Paulo: Paulinas, 1991.

GUIMARÃES, P. B. *Os sacramentos como atos eclesiais e proféticos: um contributo ao conceito dogmático de sacramento à luz da exegese contemporânea*. Roma: Pontificia Universita Gregoriana, 1998.

HAHN, S. *O banquete do cordeiro: a missa segundo um convertido*. São Paulo: Loyola, 2002.

HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

HESCHEL, A. J. *O schabat: seu significado para o homem moderno*. São Paulo: Perspectiva, 2004.

HOTZ, R., *Los sacramentos en nuevas perspectivas: la riqueza sacramental de oriente e occidente*. Salamanca: Sigueme, 1986.

JIMENEZ DUQUE, B. *Teologia de la mística*. Madrid: BAC, 1963.

JOÃO PAULO II. *Carta Apostólica “Dies Domini” sobre a santificação do domingo*. São Paulo: Paulinas, 1998.

JOHANNY, R. *A eucaristia: caminho de ressurreição*, São Paulo: Paulinas, 1977.

KASPER, W. “A unidade da eucaristia”, in *Communio*, 22 (1985), pp. 269-294.

KUNRATH, P. A. “A eucaristia, memorial jubilar”, in HACKMANN, G. L. (org.). *A Trindade: glória e júbilo da criação*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000, pp. 57-74.

_____. “Aliança e eucaristia”, in *Teocomunicação*, 109 (1995), pp. 419-430.

KUNZLER, M. *“Mistero della fede”. Introduzione alla celebrazione eucaristica*. Lugano: Europress, 2003.

LEBON, J. *Para viver a liturgia*. São Paulo: Loyola, 1983.

LÉON-DUFOUR, X. *O pão da vida: um estudo teológico sobre a eucaristia*. Petrópolis: Vozes, 2007.

LÓPEZ MARTÍN, J. *A Liturgia da Igreja: teologia, história, espiritualidade e pastoral*. São Paulo: Paulinas, 2006.

_____. *No espírito e na verdade I*. Petrópolis: Vozes, 1996.

_____. *No espírito e na verdade II*. Petrópolis: Vozes, 1996.

LUKKEN, G. “Realización de la fe en la liturgia”, in *Concilium* 82 (1973), pp. 167-182.

LUTZ, G. *Liturgia*. São Paulo: Paulinas, 1981.

MAGGIANI, S. “Festa/Festas”, in SARTORE, D., TRIACCA, A. M. (orgs.). *Dicionário de liturgia*. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 472.

MAGRASSI, M. *Viver a palavra*. São Paulo: Paulinas, 1984.

MAERTENS, T. *Reúne o meu Povo*. São Paulo: Paulinas, 1977.

MALDONADO, L. *A ação litúrgica: sacramento e celebração*. São Paulo: Paulus, 1998.

_____. *La plegaria eucarística: estudio de teología bíblica y litúrgica sobre la misa*. Madrid: BAC, 1967.

MANNATI, M. *Para rezar com os salmos*. São Paulo: Paulinas, 1981.

MARDONES, J. M. *A vida do símbolo: a dimensão simbólica da religião*. São Paulo: Paulinas, 2006.

MARSILI, S. *A Liturgia: momento histórico da salvação*. São Paulo: Paulinas, 1986.

_____. “Fate questo in memoria di me”, in *Rivista liturgica*, 95 (2008), pp. 420-426.

_____. *Sinais do Mistério de Cristo: teologia litúrgica dos sacramentos, espiritualidade e ano litúrgico*. São Paulo: Paulinas, 2009.

MARTIMORT, A. G. *A igreja em oração II*. Petrópolis: Vozes, 1992.

_____. *Los signos de la nueva alianza*. Salamanca: Sígueme, 1967.

MATEOS, J. “Invocazione e azione dello Spirito Santo nella celebrazione eucaristica”, in *Presbyteri* 3 (1969), pp. 602-610.

MAZZA, E. *L’anafora eucaristica: studi sulle origini*. Roma: Edizioni Liturgiche, 1992.

MAZZAROLO, I. *A eucaristia: memorial da nova aliança: continuidade e rupturas*. São Paulo: Paulus, 1999.

McNAMARA, M. “Las asambleas litúrgicas y el culto religioso de los primeros cristianos”, in *Concilium* 42 (1969), pp. 191-207.

MILANO, A. “Palabra y sacramento en la eucaristía”, in SILANES, N. et ali. *Eucaristía y Trinidad*. Salamanca: Secretariado Trinitario, 1990, pp. 149-201.

MIRANDA, M. F. *A salvação de Jesus Cristo: a doutrina da graça*. São Paulo: Loyola, 2004.

MOLLAT, D. *La Parola e lo Spirito*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1987.

MORAES, A. J. *Análise da estrutura literário-teológica das orações eucarísticas para missas com crianças: um estudo a partir da metodologia mistagógica de Cesare Giraudo*. Rio de Janeiro: PUC (Tese Doutoral em Teologia), 2009.

NADEAU, M. T. *Eucaristia: memória e presença do Senhor*. São Paulo: Paulinas, 2005.

NEUNHEUSER, B. "Memorial", in SARTORE, D., TRIACCA, A. M. (orgs.). *Dicionário de liturgia*. São Paulo: Paulinas, 1992, pp. 723-736.

NOCKE, F. J. "Eucaristia", in SCHNEIDER, T. (org.). *Manual de dogmática*. Petrópolis: Vozes, 2009, pp. 241-274.

OÑATIBIA, I. "Recuperacion del concepto de memorial por la teologia eucaristica contemporanea", in *Phase*, 12 (1972), pp. 335-345.

PADOIN, G. *O Pão que eu darei. Sacramento da eucaristia*. São Paulo: Paulinas, 1999.

PEDRINI, A. "L'epiclesi nelle anaphore e nell'eucologia del Messale Romano", in *La Rivista del Clero Italiano* 7-8 (1976), pp. 657-666.

PISTOIA, A. "Compromisso", in SARTORE, D., TRIACCA, A. M. (orgs.). *Dicionário de liturgia*. São Paulo: Paulinas, 1992, pp. 196-209.

RAFFA, V. *Liturgia eucarística. Mistagogia della messa: dalla storia e dalla teologia allá pastorale pratica*. Roma: Edizione liturgiche, 2003.

RATZINGER, J. *Introdução ao espírito da liturgia*. Lisboa: Prior Velho, 2006.

_____. *Jesus de Nazaré: da entrada em Jerusalém até a Ressurreição*. São Paulo: Planeta, 2011.

_____. *La festa della fede: saggi di teologia liturgica*. Milano: Jaca Book, 1990.

_____. *São Paulo: catequeses paulinas*. Campinas: Ecclesiae, 2012.

RAVASI, G. *Cântico dos Cânticos*, São Paulo: Paulinas, 1988.

RINAUDO, S. *La liturgia: epifania dello Spirito*. Torino: Elle di Ci, 1980.

RIUS CAMPS, J. "Memoria del hombre y memoria del Espíritu", in *Estudios Trinitarios* 10 (1976), PP. 13-49.

ROCCHETTA, C. *Os sacramentos da fé*. São Paulo: Paulus, 1991.

_____. *Teologia da ternura: um "evangelho" a descobrir*. São Paulo: Paulus, 2002.

ROSATO, P. J. *Introdução à teologia dos sacramentos*. São Paulo: Loyola, 1999.

ROUET, A. *A história na missa*. São Paulo: Paulinas, 1981.

ROVIRA BELLOSO, J. M. *Os sacramentos: símbolos do Espírito*. São Paulo: Paulinas, 2005.

- RUIZ DE GOPEGUI, J. A. *Eukharistia: verdade e caminho da Igreja*. São Paulo: Loyola, 2008.
- RYAN, V. *O domingo: história, espiritualidade, celebração*. São Paulo: Paulus, 1997.
- SÁNCHEZ CARO, J. M. “Eulogía e eucaristía”, in SILANES, N. et alli. *Eucaristía y Trinidad*. Salamanca: Secretariado Trinitario, 1990, pp. 11-43.
- SANTANA, L. F. R. “A celebração litúrgica como uma mística sacramental”, in *Atualidade teológica*, 42 (2012), pp. 470-487.
- SARTORE, D. “Sinal/símbolo”, in SARTORE, D., TRIACCA, A. M. (orgs.). *Dicionário de liturgia*. São Paulo: Paulinas, 1992, pp. 1142-1151.
- SCHARBERT, J. “Bênção”, in BAUER, J. B. (org.). *Dicionário de teologia bíblica*. São Paulo: Loyola, 1988 pp. 133-140.
- SCHMEMMANN, A. *L'eucaristia: sacramento del regno*. Qiqajon: Bose, 2005.
- SCHNITZLER, T. *Missa: mensagem de vida*. São Paulo: Paulinas, 1980.
- SCHOTTROFF, W. “Recordar”, in JENNI, E., WESTERMANN, C. (orgs.). *Diccionario teologico manual del Antiguo Testamento*. Madrid: Cristiandad, 1978, pp. 710-725.
- SEASOLTZ, R. K. “Antropología y teología litúrgica”, in *Concilium* 132 (1978), pp. 152-166.
- SEMERARO, M. “La chiesa, sacramento di Cristo e dello Spirito”, in *Lateranum* 57 (1991), pp. 55-70.
- SERRANO, V. *A páscoa de Jesus em seu tempo e hoje*. São Paulo: Paulinas, 1998.
- SESBOUE, D. “Pão”, in LÉON-DUFOUR, X. (org.). *Vocabulário de teologia bíblica*. Petrópolis: Vozes, 1999, pp. 709-711.
- _____. “Vinho”, in LÉON-DUFOUR, X. (org.). *Vocabulário de teologia bíblica*. Petrópolis: Vozes, 1999, pp. 1080-1082.
- SILVA, J. A. *O movimento litúrgico no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1974.
- SILVESTRE VALOR, J. J. *Cristo en nosotros, esperanza de la gloria: basis para una teología litúrgica a partir del mistero en Louis Bouyer*. Roma: Pontificium Atheneum S. Anselmi, 2008.
- SMITH, M. S. *O memorial de Deus: história, memória e a experiência do divino no antigo Israel*. São Paulo: Paulus, 2006.
- SODI, M. “Bênção”, in SARTORE, D., TRIACCA, A. M. (orgs.). *Dicionário de liturgia*. São Paulo: Paulinas, 1992, pp. 122-134.
- SORCI, P. “Mistério Pascal”, in SARTORE, D., TRIACCA, A. M. (orgs.). *Dicionário de liturgia*. São Paulo: Paulinas, 1992, pp. 771-787.
- SPICQ, C.; GRELOT, P. “Sangue”, in LÉON-DUFOUR, X. (org.). *Vocabulário de teologia bíblica*. Petrópolis: Vozes, 1999, pp. 944-947.
- TABORDA, F. *Memorial da páscoa do Senhor*. São Paulo: Loyola, 2009.

- TAFT, R. “La frecuencia de la eucaristía a través de la historia”, in *Concilium* 172 (1982), pp. 168- 188.
- TANGORRA, G. *Dall'assemblea liturgica alla chiesa: una prospettiva teologica e spirituale*. Bologna, EDB, 1999.
- TENA, P. *Celebrar el mistero*. Barcelona: Centre de Pastoral Litúrgica, 2004.
- TESTA, B. *I sacramenti della chiesa*. Milano: Jaca Book, 1993.
- THEISSEN, G., MERZ, A. *O Jesus histórico: um manual*. São Paulo, Loyola, 2002.
- THURIAN, M. *O mistério da eucaristia*. São Paulo: Loyola, 1986.
- TRIACCA, A. “Bíblia e liturgia”, in SARTORE, D., TRIACCA, A. M. (orgs.). *Dicionário de liturgia*. São Paulo: Paulinas, 1992, pp. 135-151.
- VAGAGGINI, C. “Il nuovo “Ordo Missae” e l’ortodossia”, in *Rivista liturgica*, 96 (2009), pp. 449-459.
- _____. *O sentido teológico da liturgia*. São Paulo: Loyola, 2009.
- VALENZIANO, C. *L’anello della sposa*. Qiqajon: Bose, 1993.
- VAN GEMEREN, W. “Aliança”, in GARDNER, P. (org.). *Quem é quem na Bíblia Sagrada*. São Paulo: Vida, 1999, pp. 32-43.
- VAN SCHAIK, A. “Memória”, in VAN DEN BORN, A. (org.). *Dicionário enciclopédico da Bíblia*. Petrópolis: Vozes, 1977, pp. 966-971.
- VAWTER, B. “Expression de la fe en el culto en el Nuevo Testamento”, in *Concilium* 82 (1973), pp. 182-191.
- VERHEUL, A. *A estrutura fundamental da eucaristia*. São Paulo: Paulinas, 1982.
- VILANOVA, E. “Expression de la fe en el culto en la poca pos-apostolica”, in *Concilium* 82 (1973), pp. 192-203.
- VISENTIN, P. *Culmen et fons: raccolta di studi di liturgia e spiritualità*. Padova: Messagero, 1987.
- _____. “Eucaristia”, in SARTORE, D., TRIACCA, A. M. (orgs.). *Dicionário de liturgia*. São Paulo: Paulinas, 1992, pp. 395-415.
- WEISER, A. *Os salmos*. São Paulo: Paulus, 1994.
- YERUSHALMI, Y. H. *Zakhor: história judaica e memória judaica*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.